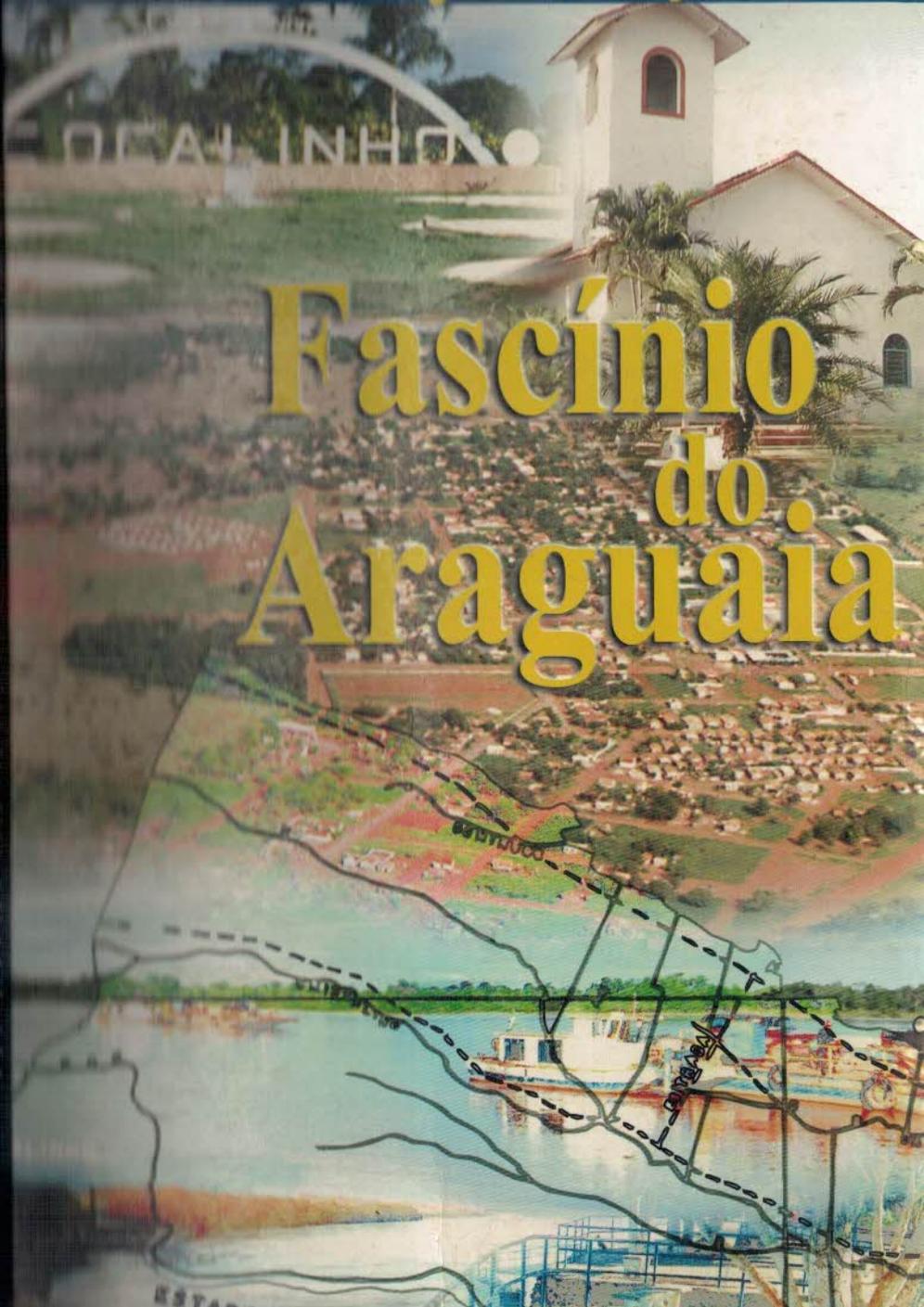
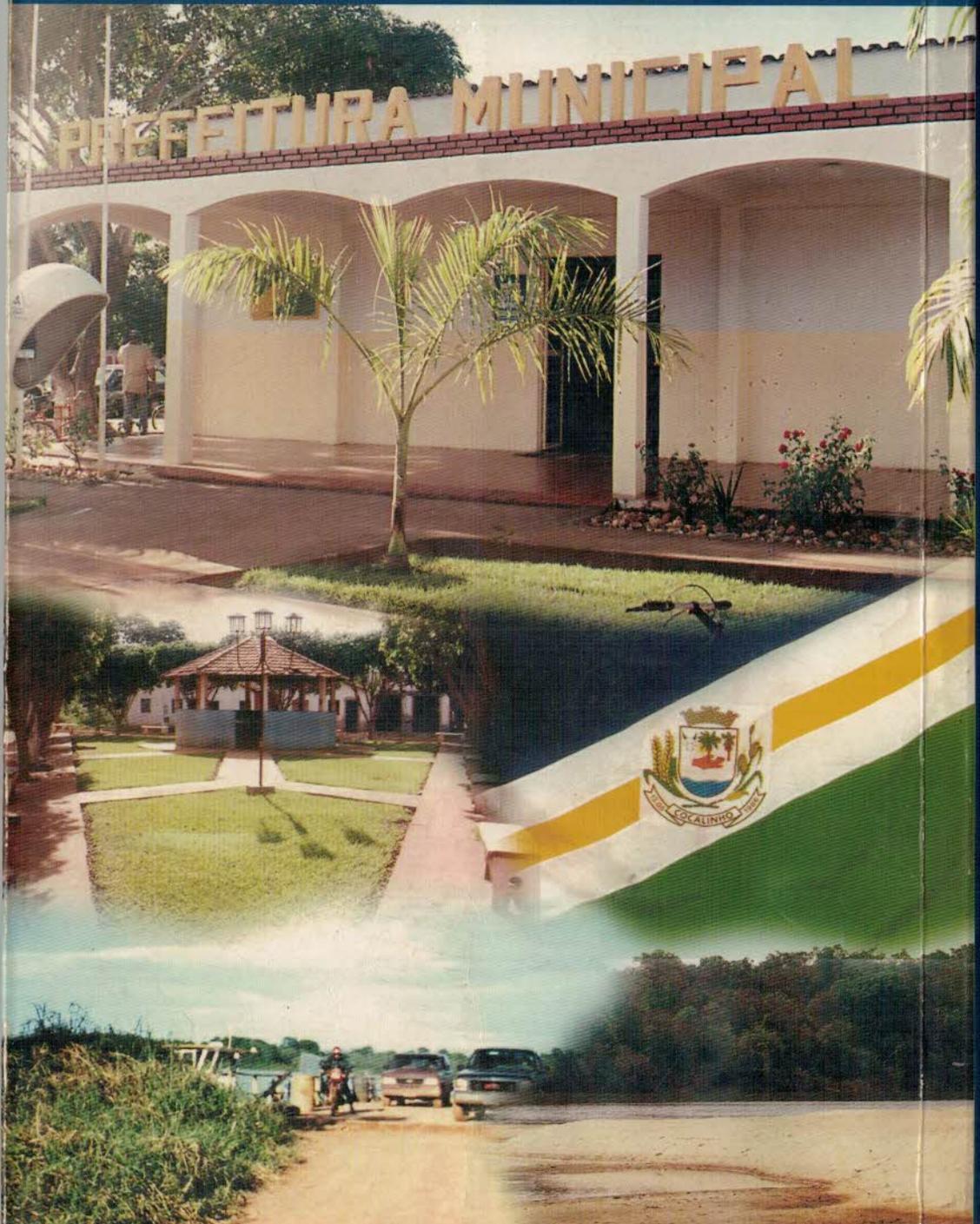


Suely Gonçalves



Fascínio do Araguaia

Copyright © 2001 by Suely Gonçalves S. Pires

Capa, Diagramação
e Arte Final: Adriana Almeida
Revisão: Profa. Darcy Costa e
Andreza Dourado

Coordenação gráfica: Editora Kelps - ISBN 86110

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte
BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS

PIR Pires, Suely Gonçalves Santos
fas Fascínio do Araguaia / Suely Gonçal-
ves Santos Pires. - Goiânia : Kelps, 2001.

108 p. : il.

1. Literatura - História - Araguaia.
I. Título

CDU: 821.134.3(81)-94

IMPRESSO NO BRASIL
Printed in Brazil 2001

Índice para catálogo sistemático
Araguaia - História - Literatura
CDU: 821.134.3(81)-94

ENDEREÇO PARA CONTATO COM A AUTORA:

Caixa Postal 11 - Alto da Boa Vista - MT
CEP 78665-000

Agradecimentos

A história faz-se no dia-a-dia, e mesmo quando o presente tornar-se passado, ficará marcado para memórias futuras...

Acontecimentos que no presente, até parecem sem importância, porém, se hoje registrados, no futuro poderão responder a muitas interrogações que porventura venham a surgir.

A história de um povo confirma suas raízes, suas tradições e emoções. Faz parte da natureza humana deixar-se atrair por odisséias vividas pelos antepassados, pelos lapsos do tempo, os quais, com a existência de laços afetivos ou não, terão sempre o mesmo efeito nas gerações futuras.

Inquestionável história desse povo interiorano, verdadeiros heróis anônimos, que deixaram e deixam registradas suas culturas, seus costumes e tradições.

Para mim, é motivo de muita honra ter o privilégio em poder escrever a história de Cocalinho, aprofundando em suas primórdias raízes, oriundas cada uma a seu modo, e narrando-as ao meu modo, sem no entanto, mudar a verdade sobre o que me fora relatado.

Peço desculpas, se porventura deixei de incluir alguém; caso isto tenha acontecido, deve-se ao fato de eu não ter tido a oportunidade de encontrar-me com todos.

Agradeço primeiro à Deus, por conceder-me essa oportunidade, e a todo o povo cocalinense, que me recebeu com uma atenção toda especial. E também, aos que colaboraram diretamente com seu apoio, como a Sirlene Maria e seu esposo Dionízio, o Dismeí César, a Divina Aparecida (Neginha), o Ruiner Faria, sr. Manoel Teles, Luiz Henrique, a Loja Gontijo, sr. Argemiro Marques Palmeira, sr. Luiz Meotte, e, especialmente Sua Excelência Nicanor Freire dos Santos, atual prefeito, que tendo consciência de que ser omissos é injustificável, não mediu esforços para possibilitar esta edição.

Ao ensejo, agradeço também ao Leandro Barbosa pelo apoio moral e sua disposição em ajudar no andamento deste trabalho, e também, ao jovem Éder Pereira pela cessão do histórico de Cocalinho, por ele elaborado, o qual esclareceu pontos importantes do objetivo que buscava.

Suely Gonçalves Santos Pires

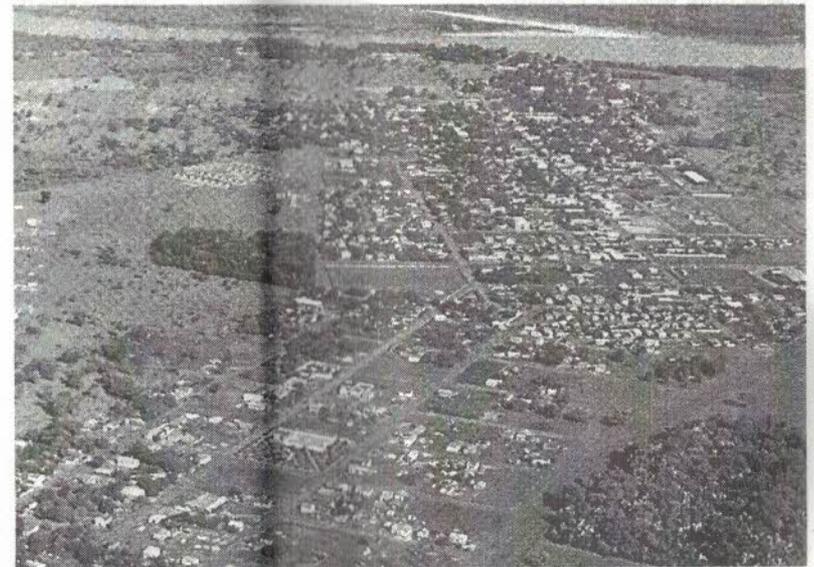
Rio Araguaia

Manancial de águas limpas,
Cheias de vida, transmitindo beleza, paz e harmonia,
Até mesmo aos menos sensíveis humanos
Desse novo milênio.

Águas doces e límpidas!
Em virtude das incoerências daqueles que,
Só visando o lado financeiro,
Destroem a natureza, esquecendo-se
De que próximo está o momento,
Quando em lugar algum do mundo,
O dinheiro não comprará o suficiente para a vida,...
Se a natureza se perder.

Gerações futuras, como serão?
Terão eles o prazer de conhecer o desfrutar da natureza
E a beleza das águas puras de nosso rio a jorrar?

Vista aérea
da cidade de
Cocalinho



Rio Araguaia é nossa responsabilidade
Respeitar e zelar seus direitos defender, também,
O de existir e de continuar com suas riquezas
Naturalmente a ofertar aos bichos e aos homens,
Sem ter que matar ou morrer,
Para alguns terem o prazer de o chamado progresso trazer.

Responsabilidade é obrigação,
Não só dos que dele mais necessitam,
Mas, também, de todo ser humano, dentre esses os turistas,
Que vêem a economia regional favorecer,
Dando razão de não querer deixar morrer
Coisas tão belas de se ver.

Praias de areias brancas!
Ilhas, aldeias e povos indígenas
Com seus valores e costumes.
A flora, as suas margens verdejantes.
A fauna a regozijar-se em poder
De suas águas beber,
Seres aquáticos a deslizarem nos remansos
Como a pedirem para viver.

Rio Araguaia, deixa sua mensagem em forma de desafio
À coragem e à inteligência humana,
Mansas águas, em horas bravos banheiros
Anunciando força, mistério e grandeza.

À Deus por tudo temos que agradecer,
Como tudo que faz é amor,
Com o Araguaia não foi diferente.
Este é um presente do Criador às suas criaturas,
Que, de uma forma ou de outra, venham dele depender.

Suely Gonçalves Santos Pires.

Sumário

Preâmbulo	11
Capítulo I	
Desafios	13
Capítulo II	
Confronto de ideais	19
Capítulo III	
Azáfama sertaneja (a saúde estava sempre ligada à fé e às crenças nessa azáfama de sertão)	31
Capítulo IV	
Sonhos e afãs	41
Capítulo V	
Dos sonhos às conquistas	45
Capítulo VI	
Novos tempos	65
Capítulo VII	
Cocalinho, um portal de acesso ao turismo	71
Capítulo VIII	
A sociedade, em geral, vive um novo tempo	75
Capítulo IX	
Biografias	79

Sumário

.....	Préambulo
.....	Capítulo I
.....	Desertos
.....	Capítulo II
.....	Contorno de idêntico
.....	Capítulo III
.....	As terras sertão (a sua
.....	ligação com as terras de
.....	Capítulo IV
.....	Sertões e altas
.....	Capítulo V
.....	Dos sertões às conquistas
.....	Capítulo VI
.....	Novos sertões
.....	Capítulo VII
.....	Cocalinho, um portal de
.....	Capítulo VIII
.....	A sociedade, em geral, vive
.....	Capítulo IX
.....	Biografias

Preâmbulo

No resgate da história de Cocalinho, localizada ao nordeste do estado de Mato Grosso, com ênfase aos aspectos políticos e sociais, não poderia deixar de inserir-se nesse contexto suas grandezas ecológicas, já tão quebrantadas e depreciadas em outras paragens por esse Brasil afora. Ressaltam-se fatos que, direta ou indiretamente, têm a ver com as odisséias dos desbravadores, suas descobertas e suas ocupações às margens do lendário e fascinante Rio Araguaia, então ocupadas pelos temíveis índios das tribos Xavantes e Karajás, já de tempos em que não se pode precisar.

Audaciosos e corajosos desbravadores dos sertões brasileiros, dentre os quais, sem restrição, incluem-se os da região baixo e médio Araguaia, no Mato Grosso. Enriqueceram com fatos pitorescos e heróicos a história que, em alguns casos, já se perdera no nevoeiro do tempo, ou podendo até serem transformados em contos de fábulas tradicionais, contadas de pais para filhos ou entre amigos nas noites enluaradas, ao redor de fogueiras, entre a mordida em um pedaço de carne assada, um gole de café ou de cachaça e uma tragada no cigarro de palha.

Na verdade, o povoamento dessa rica e fascinante região exigiu dos seus descobridores e primeiros habitantes muita resistência e perseverança. A natureza ainda não ultrajada, virgem em absoluto, sem ter sofrido os brutais ataques dos chamados homens *civilizados*, dispunha de seus

exércitos de insetos e protozoários, ofídios peçonhentos, animais selvagens e inúmeros perturbadores, como que unidos em uma guerrilha ininterrupta, em oposição aos impertinentes invasores.

Esses, porém, consideravam-se tão premiados com as terras devolutas, de boa qualidade para o plantio e criação de gado, que até acharam razoável o preço das lutas e dos trabalhos a serem enfrentados.

Muitos desses corajosos desbravadores sucumbiram em completo anonimato, jazendo nesses rincões, sem nunca terem tido, sequer, a idéia de que um dia seriam lembrados, ou que seus bons feitos serviriam de exemplo e orgulho para as gerações futuras.

Mesmo que um tanto tardios, seus feitos devem ser registrados, podendo até não estarem tão enriquecidos de detalhes importantes, que o tempo se encarregou em apagar da memória dos relatores, permanecendo, no entanto, a essência da verdadeira história dos que desbravaram essas paragens.

Naqueles idos dias, eram raros os escritores que se dispunham a aventurar-se por essa hinterlândia brasileira, cheia de desconforto e adversidades. Se, por trama do destino, existisse alguém no meio com esse dom, deveria estar tão envolvido na labuta pelo ganha-pão, na luta contra os nativos belicosos e até contra os exércitos da própria natureza, e não poderia colocar no papel os episódios vividos.

Neste resgate da história de Cocalinho, rica em atos de bravura e de emoções, incluo também fotos recentes, procurando apresentá-los sem rebuços, perdurando-os assim, para que as novas gerações tomem conhecimento de quem foram os desbravadores dessa terra-mãe, e de como enfrentaram derrotas e conquistaram vitórias.

Estamos fazendo a nossa parte, deixando publicado aqui tudo o que chegou ao nosso conhecimento.

Agradeço a todos os cocalinenses que colaboraram com seus relatos.

A autora

Desafios

Desde os mais remotos tempos, nos diferentes planos cíclicos, a vida dos menos abastados pouco valia; seres humanos eram tidos como subprodutos de um sistema capitalista, mesmo que de certa forma, apresentando-se, ainda bem primitivo.

Sem a definição de um sistema social amparado por leis, ou simplesmente apoiado na razão, agricultores, garimpeiros, homens libertinos, padres, prostitutas, levando consigo as marcas das escabrosidades da vida, enfrentaram as mais difíceis barreiras naturais, pelo sertão adentro, como uma só intenção – obter vitória na árdua peleja pela vida.

Com muita audácia, eles seguiram por trilhas tortuosas e completamente desconhecidas, rumo ao coração do nosso país, levando no peito o desalento da despedida de seus entes queridos e a dor pela ausência daqueles que sucumbiram nas duras caminhadas em busca de seus ideais.

Alcançaram o mesmo espaço físico que há centenas de anos os indígenas ocuparam, dando continuidade à sua cultura e, a seu modo, preservando o ecossistema que se

encontrava quase intocado, mas que, no entanto, em poucas décadas foi devastado quase que por completo pelos homens *civilizados*. Esses chegaram munidos de enxadas, machados, foices e facões afiados, com as espingardas atirando, portando revólveres na cintura, orientando-se, muitas vezes, somente pelo curso dos rios, pelo sol ou pelas balizas. Mesmo sem terem intenção, foram coadjuvantes na escrita de várias páginas da história real desse nosso país, infelizmente, maculada de sangue, com genocídios, expropriações e massacres.

Já no final do século XIX, brilharam no horizonte as notícias das terras férteis do Mato Grosso, e inúmeros corajosos, muitos empurrados pela seca do nordeste, e outros, dispostos à aventura, marcharam para a região do Araguaia.

Por volta de 1901, iniciaram-se as primeiras ocupações dessas terras, que mais tarde veio fazer parte o vasto município de Cocalinho. Os pioneiros, movidos por um sonho, por uma forte esperança que os incentivava a lutar por um lugar ao sol, vislumbraram diante destas terras propícias ao cultivo in-natura, criação de gado e outros animais. Perseguindo esses ideais, munidos de coragem para enfrentar o desconhecido; José Timóteo e Abel Nonato, acompanhado das esposas, Tomázia Timóteo e Maria Nonato, saíram de Santana do Araguaia, embarcados em pequenas canoas a remo (coxinho ou zinga). Subiram o Rio Araguaia explorando a margem direita. Com o passar dos dias, o que, a princípio, parecia não ser tão difícil tornara-se uma verdadeira odisséia, espinhosa e interminável. Quando já sentiam as forças expungirem de chofre avistaram uma planície com um cenário de encher os olhos. Tomados de excitação, desembarcaram com a intenção de examinar de perto o lugar, acreditando terem encontrado o lugar ideal para seus desígnios, pois, aparentemente, era mesmo o pedaço de chão que tanto almejavam. Sentiram-se os descobridores do verdadeiro paraíso. Sem pensarem se o lugar já tivesse dono, resolveram ali erguer moradia. A animação fazia-se sempre presente. Coragem para o trabalho era o que não faltava àqueles caboclos acostumados ao árduo afã. Iniciaram o cultivo da terra, observando a época propícia para o plantio dos produtos de consumo – arroz, milho, cana-de-açúcar, fumo, mandioca – e começaram a criar pequenos animais e aves.

O transcorrer dos dias era tranqüilo, tudo acontecendo na maior normalidade. Nos finais de tarde, os sertanejos buscavam, no aconchego dos ranchos feitos com palhas de coqueiro, o merecido descanso ao retorno de mais um dia de labor. Enxugando o suor do rosto, esticando o corpo cansado sobre a esteira, erguiam os olhos aos céus, agradecendo o privilégio em poderem desfrutar daquele espaço sob o firmamento. Não imaginavam que o perigo os rondava, já bem perto. Aquele lugar que julgaram não ter dono, era reduto dos índios Karajás e Xavantes, que há tempos habitavam a região, constituindo ali seus domínios.

No início do ano de 1902, após a chegada dessas primeiras famílias, José Lotério e Martinha, a exemplo, resolveram sair à procura de um outro lugar para morar. Seguiram o rio curso acima, navegando uma canoa a remo. Após alguns dias de penosa viagem, já desprovidos de mantimentos, aguardavam a fome que, com certeza, teriam que enfrentar, quando, de repente, avistaram uma fumaça saindo do meio da mata, não muito distante do local onde estavam. Sentiram-se aliviados e temerosos ao mesmo tempo, pois, o que poderia ser a moradia de alguém civilizado, poderia ser, também, alguma aldeia de índios. Em vista das circunstâncias, resolveram desembarcar, e com uma certa cautela, seguiram o rumo da fumaça a fim de verificar de perto quem habitava ali. Felizmente, a sorte estava ao lado deles, era a morada das famílias Temóteo e Nonato, que, com satisfação, deram-lhes acolhida.

As mandiocas plantadas em final de setembro, no início das primeiras chuvas, cinco meses depois, já proporcionavam uma boa farinha, aproximava-se o momento da colheita do arroz, do milho verde, e das abóboras que complementavam a fartura; merecidos trunfos nas mãos do sertanejo, após os difíceis dias de faina.

Cinco meses passaram desde a chegada àquele considerado paraíso, José Lotério e Martinha resolveram ir à Leopoldina, hoje Aruanã, com o intuito de batizar o filho, Tiago Barbosa dos Santos, ainda em tenra idade.

Do local de partida, hoje Cocalinho, até Leopoldina, levaram cinco dias de canoa a remo. Após cumprirem os seus intentos, cerca de quinze dias depois, retornaram à casa de Temóteo e Nonato e ali ficando ainda por cerca de seis meses. Como José Lotério tinha mesmo vocação era para

lidar com gado, resolveu ir embora com a família à procura de trabalho, aportando na fazenda de Antônio Cristiano, onde conseguiu emprego, com a seguinte forma de pagamento: de cada quatro bezerros, um era do peão. A família morou ali por um bom tempo, quando finalmente resolveu retornar a Cocalinho para fixar moradia. Lá encontraram um bom número de moradores, já existindo a Rua Joaquim de Almeida, constituindo o início da vila que depois veio receber o nome de São José do Cocalinho. Nesse espaço de tempo, Tiago Barbosa já havia crescido. Não demorou muito, casou-se com Isabel Ferreira dos Santos, natural de Cocalinho, sendo o casal agraciado com dez filhos, dos quais Domingo Barbosa dos Santos, o terceiro deles, que aos 72 anos de idade, relatou fatos importantes dos idos dias.

A vida dos moradores no início de Cocalinho, quando era somente uma pequena vila, não transcorria facilmente. Tinham a enfrentar, não só a rusticidade da natureza e seus inseparáveis exércitos defensores, mas, também, os índios Xavantes e Karajás, que invadiam as plantações e atacavam as pessoas, sempre rondando por perto, sinistros e ameaçadores. O homem branco tinha que fazer algo para defender tudo o que conquistara com muito trabalho. Começaram a fazer uso das armas, na tentativa de afugentar os nativos, sabendo, no entanto, que isso era temporário, podendo haver futuras represálias. Passaram-se alguns meses sem nenhum vestígio aparente dos selvagens, o que não significava terem eles transferido suas aldeias. Só estavam um pouco assustados com o poder das armas usadas pelos brancos. Sorrateiros e furtivos pelo meio do mato, os nativos acompanhavam os movimentos dos indesejáveis invasores, sobre os quais sabiam de tudo, até mesmo os nomes.

O clima era de medo e tensão. Todos viviam sobressaltados, especialmente as mulheres e as crianças, pois tinham que ficar sozinhos enquanto os homens iam para as plantações, cuidarem do que ainda não havia sido totalmente dizimado pelos índios.

Índios sabem, como ninguém, guardar mágoas com desejos de vingança, e à espreita, esperar o momento certo para o ataque. Em suas investidas, geralmente armados de bordunas com seus golpes certos, deixavam sempre um rastro de sangue e destruição.

Otacílio da Silva Nonato relatou o seguinte fato:

Certa feita, Gregório, um morador local, estava no campo perto de sua plantação, quando sentiu um arrepio estranho. Com o pressentimento de que alguém estava bem próximo aos seus calcanhares, voltou-se e deparou-se com um robusto guerreiro índio, armado de uma borduna, no momento, com a clara intenção em atingir-lhe a cabeça. Gregório, vendo-se frente a frente com a morte, procurou o quanto pôde distanciar-se alguns passos, e sem ter outro jeito, disparou um tiro à queima-roupa. Com a intenção de escapar com vida, vendo o índio cair, correu dali, temendo a represália dos outros, que certamente estariam por perto.

Ficou marcado! Vivia desassossegado todos os seus dias, pois a qualquer momento a vingança dos índios poderia concretizar-se. Passaram mais de vinte anos com a tribo à sua espreita e o Gregório sempre se safando. Quando, finalmente, chegaram bem perto do seu paradeiro, não conseguiram consumir o intento vingativo, só porque Gregório já havia falecido, alguns dias antes, naturalmente.

Confronto de Ideais

Por volta do ano de 1718, com a chegada dos bandeirantes a Cuiabá, já se faziam presentes nessas terras povos indígenas de diferentes etnias, em um território que se estendia da Bolívia, continua a oeste, até o rio Araguaia, ao leste, e do rio das Mortes, ao norte, até o rio Taquari, ao sul.

Esses povos, ocupantes de um território ilimitado, pungidos, presenciaram o aniquilamento da sua liberdade, de suas vidas e sua cultura. O território, outrora ocupado pelos silvícolas, foi transformado em palco para uma peça, na qual o humanismo e civilidade não passaram de disfarces. A verdadeira intenção era, no decorrer do enredo desse teatro real, subjugar e domesticar os selvagens, para no desfecho final serem transformados em meros símbolos folclóricos.

“...suprima-se a distância, catequize-se o selvagem menos bravo e afugente-se os mais indomáveis se tanto for preciso, e a colonização espontânea, única, profícua, virá com seus braços e capitais para transformar essa terra

de desterro num Éden Brasileiro.” (Cacique Seatle, do povo Durwamish, Dossiê, p. 9)

A colonização rural vinha atender às necessidades de produção de acordo com o crescimento da população civilizada, porém, os riscos de ataques indígenas repeliam as iniciativas produtivas. Nesse confronto entre índios e brancos, o Estado era o mais prejudicado. Impulsionado pela política do progresso, o governo via-se na obrigação de enviar expedições aos sertões com o encargo de pacificar o gentio.

Desde os tempos do Brasil colonial, a extinção física e cultural da sociedade indígena vem acontecendo sob o pretexto de torná-los pacíficos; o tempo passou e o conceito social quanto à questão, pouco mudou. Levantamentos estatísticos revelam: entre 1900-1957, foram extintas 87 etnias. Na década de 60, a abertura da Transamazônica Perimetral Norte e da estrada conhecida como BR-364, Cuiabá - Rio Branco, causaram grande impacto em todas as tribos que estavam em seu caminho.

Em 1820, uma expedição fora enviada ao encalço de índios na região da Chapada matogrossense. Mais de quatrocentos deles foram mortos e outros levados como prisioneiros. Diante dos rastros da violência e do genocídio, o revide era certo, o ódio latente tornava os índios ainda mais hostis.

Por volta de 1886, uma pacificação indígena foi concentrada no Vale de São Lourenço e duas colônias indígenas militares foram fundadas, Santa Isabel e Tereza Cristina, essa última, em 1894, fora passada ao comando da missão salesiana.

Em 1910, fora criado o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), com o objetivo de apoiar e salvar o gentio, tidos como “ingênuos e incapazes de agir por raciocínio próprio”.

Dos relatos dos documentários pesquisados por Shelton H. Davis (1938, p. 33), mais de cem indigenistas aliaram-se aos latifundiários e especuladores, para roubar e matar, sistematicamente, os índios. Dentre os setecentos empregados do SPI, 134 foram acusados de crimes, duzentos foram justamente demitidos e 38, dolosamente contratados.

Na falta de mão-de-obra para as lavouras, os capitães-do-campo encaçavam os nativos com o fim de escravizá-los.

Em 1967, o SPI foi desativado, deixando rastros de corrupção e de morticínio na história indígena brasileira.

Alguns, entretanto, empunhavam a bandeira de pacificadores, expondo-se na difícil missão de manter algum tipo de contato com os índios. Jornalistas, escritores encontraram em suas vidas, inspirações para suas obras, e alguns nomes ficaram registrados na história, em especial da região do Araguaia.

Em tempos mais recentes, de 1945 a 1953, a bandeira de Piratininga, sob o comando de Willy Aureli, fez várias tentativas de contato com os índios Xavantes e Kaiapós. Concentrando suas buscas, mais precisamente na região hoje pertencente ao município de São Félix do Araguaia, a bandeira montou seu acampamento central no Rio Xavantinho e no Porto da Manga, em São Félix.

Conforme relatos de alguns pioneiros da região, anos antes dessas expedições, Hermano Ribeiro da Silva já navegava pelo Rio Araguaia nessa região, inclusive por Cocalinho, onde deixara sua marca registrada - Av. Hermano Ribeiro da Silva - escrita em uma placa fixada no tronco de uma árvore. Seus homens abriram uma picada, o que seria uma sugestão para a criação de uma nova rua, pois o pequeno povoado contava com uma única rua, que veio a ser chamada de Rua Joaquim Martins de Almeida, a aproximadamente duzentos metros da margem do rio. Na época, era uma espécie de *trieiro*, aberto rusticamente, com uso de ferramentas manuais. Quando os expedicionários viram a grande quantidade de pés de coqueiro babaçu, sugeriram para o povoado o nome de São José do Cocalinho.

A placa foi encontrada muito tempo depois, encoberta pelo mato, no local chamado Barreira de Pedras e atualmente a Av. Hermano Ribeiro da Silva é ponto referencial na cidade de Cocalinho.

Na ocasião, Hermano Ribeiro acompanhado de Joaquim Xavier da Silva, da freira Maria Piedade e de outros, em rápida passagem pelo povoado de Cocalinho, tornou patente aos moradores o anelante desejo de contactar os índios. Agindo com desvelo, ouvia as opiniões e experiências dos homens do lugar, admitindo até alguns deles para acompanhá-lo na missão, dentre esses, Anjo Severo. Essa missão era, certamente, difícil e arriscada, pois deviam embrenhar-se mata

adentro à procura de esquivos nativos, que poderiam estar em qualquer parte, à sorrelfa, prontos para o ataque.

Após vários dias de exploração, sem nenhum vestígio dos silvícolas, acharam por bem cessar as buscas e retornar ao povoado. De onde, Hermano e seu grupo partiu de barco rumo a Leopoldina.

Ao final da década de 20, o povoado cresceu consideravelmente, com a chegada de novos moradores, dentre eles, goianos e maranhenses. Em 26 de abril de 1928, ficou decidido pela comunidade e seus representantes, que o lugar seria conhecido como São José do Cocalinho. Este nome foi instituído oficialmente em 1º de agosto de 1928, como território jurisdicionado ao município de Registro do Araguaia, hoje extinto.

Algum tempo depois, chegaram os padres salesianos, Pedro, Paulo e Ipólito Chavelão, que fundaram a primeira capelinha do Patrimônio, na beira do Rio Araguaia. A capela ruiu com o tempo e, hoje, no mesmo lugar, ao lado do cais, encontra-se uma cabine telefônica (orelhão) com o formato de arara.

Os padres salesianos vieram para a região, não só para atender à comunidade civilizada, celebrando missas, casamentos ou batizados, mas também, em uma outra missão especial, complexa e arriscada – catequizar os belicosos índios, na tentativa de convencê-los a aceitarem a fé cristã.

No início de 1941, no exercício da missão, confiantes e dispostos a usarem até o último recurso, tentando assim alcançarem mercê dos índios, sem desconfiarem dos laços traiçoeiros da adversidade, acabaram todos tendo um triste fim – foram capturados, e, em seguida, mortos de forma brutal pelos silvícolas. Segundo relatos, um deles teria se humilhado, implorando de joelhos, diante dos opositores. De nada adiantou, sem clemência, com incessantes golpes de bordunas foi liquidado. Os familiares das vítimas foram avisados da tragédia, envolvendo os padres e seus acompanhantes.

Passou-se algum tempo desde aquele acontecimento funesto, quando um dia aportou em São José do Cocalinho, uma outra expedição com o mesmo objetivo – contactar os índios. Estava presente o inspetor do SPI, Pimentel Barbosa, homem enérgico, austero, franco, com um jeito um tanto



Canoa coxinho

autoritário. Foi logo requisitando alguns homens do lugar para somarem-se ao seu grupo. Já faziam parte da bandeira, dentre outros, padres e línguas (índios já civilizados que desempenhavam o papel de intérpretes e intermediários). Assim arregimentado, deveria seguir as trilhas dos silvícolas.

Pimentel, ao chegar, deixou logo claro que não queria perder tempo com mais nada, pois anelava dar início à expedição, motivo de sua vinda.

Tiago Barbosa, um dos requisitados, não concordou em acompanhar a expedição, e ainda desaconselhou-os a não irem, alegando não ser um bom momento para tentar uma aproximação com os índios. Conhecia suas constantes investidas contra os moradores e como haviam agido violentamente contra os padres e seus acompanhantes. Mas,

Pimentel, obstinadamente não lhe deu ouvidos e quis, o quanto antes, prosseguir a íngreme caminhada, rumo à aldeia dos índios.

João Marinho concordou em auxiliar a expedição, cedendo seu carro de bois, acompanhando os expedicionários até onde fosse possível. As estradas eram *trieiros* rústicos, abertos pelo meio do mato. Enfrentando toda sorte de obstáculos, e, em virtude da distância, João Marinho, notando que os bois estavam sobremodo cansados, resolveu retornar, deixando o grupo no Rio Cristalino (porto do boi). Dali, Pimentel e os outros continuaram a jornada, como se algo à frente atraísse seus passos, utilizando-se dos cavalos que conduziam para o transporte da carga, uma vez que não contavam mais com a serventia do carro de bois. Fizeram a travessia do Rio Cristalino em uma canoa (coxinho), por sinal, feita pelo grupo ali mesmo no local: seguiram rumo ao Rio Água Preta, arranchando em vários pontos, com esperanças de aterem-se pacificamente com os índios. Ao chegarem ao Rio Manso, hoje Rio das Mortes, enquanto acampavam para refazer-se da fadiga, fizeram um outra canoa de madeira (coxinho), e, após a travessia, tomaram o rumo da Serra do Roncador. No novo acampamento, ficaram Chico Aroeira e Marcianinho guardando os pertences que Pimentel e seu grupo não deram conta de carregar. Próximos à serra, resolveram acampar. No dia seguinte, Pimentel enviou dois línguas e um catequisador para sondarem o terreno e tentarem um contato inicial com uma aldeia, avistada a alguns quilômetros dali. Os línguas acharam por bem comunicarem-se de longe com seus co-irmãos. Os nativos Xavantes, ao ouvirem as vozes, entraram todos para dentro das cabanas (tocas), permanecendo em silêncio, sem nenhuma resposta. Os três, ao verem tal atitude, entenderam bem que não era um bom sinal e retornaram imediatamente ao acampamento. Lá chegando, comunicaram o fato ao chefe Pimentel Barbosa e advertiram-no: "Vamos embora enquanto podemos, pelo visto os índios querem briga e podemos acabar mal!"

Mas, obstinadamente, Pimentel não lhes deu ouvidos, e no outro dia enviou os três novamente à aldeia, com presentes para os índios.

Infelizmente, ao chegarem nas proximidades da aldeia,

com prudência, sentindo o sangue gelar nas veias, causando-lhes arrepios e calafrios, observaram a movimentação dos índios e constataram o que já era axiomático. Os Xavantes não queriam saber de presentes, nem tampouco de aproximação com brancos e estavam se preparando para guerrear. Foram vistos, também alguns índios saírem apressados, como que para executarem uma incumbência.

Os línguas vendo e analisando a situação ficaram sobressaltados. Um deles olhou para o catequisador e com certo pesar disse: – Vamos retornar ao acampamento, e queira Deus, quando chegarmos lá não estejam todos mortos! Devemos correr, enquanto podemos! Corram se não quiserem morrer!

Saíram em desabalada correria na trajetória extensa e íngreme. Na metade da distância, já estavam ofegantes, não agüentando o cansaço. Sabiam, porém, que parar seria a morte certa. Um dos línguas animava-os para que continuassem, e o desejo de viver impulsionava-os a irem em frente. Finalmente alcançaram o acampamento. Por desventura, nada mais puderam fazer. Já estavam todos mortos, até Pimentel Barbosa.



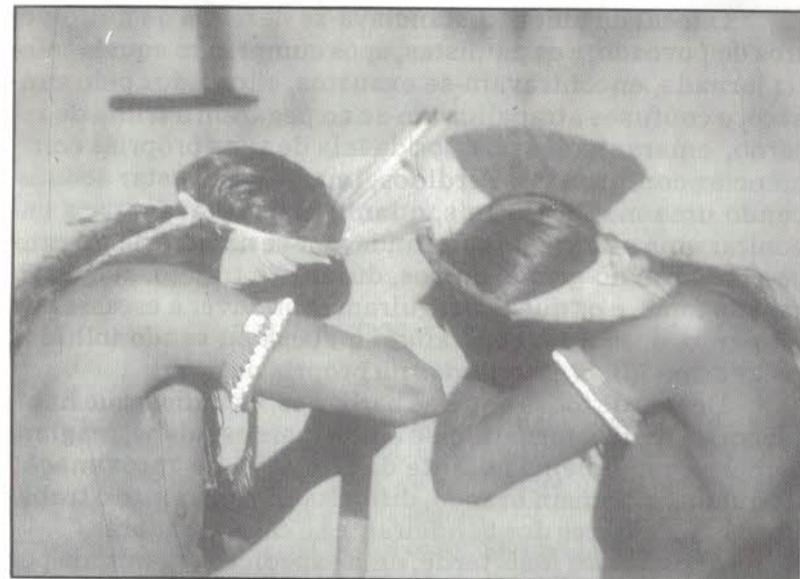
Consta que Pimentel teria grande afeição por um certo índio civilizado, o qual nunca dele se separava, e que momentos antes do ataque ao acampamento, havia dado seu facão especial ao seu estimado bugre para que o mesmo tirasse uma guarairoba nas proximidades.

Neste ínterim, todos estavam no acampamento tão entretidos com seus afazeres, que nem se deram conta de que a morte se aproximava sorrateira e improrrogável. Sem tempo pra tentarem uma defesa, foram todos mortos. A fúria dos nativos não tinha limites. Quebraram até o rádio amador reduzindo-o em pedacinhos, destruindo todos os pertences do grupo. Ao certificarem-se de que todos os brancos estavam mortos, percebendo que faltavam os línguas (co-irmãos), tido como traidores da tribo, também marcados para morrer, fizeram-se silenciosos e após uma pausa, ouviram um barulho não muito bem identificado vindo dos arredores. Ao verificarem do que se tratava, passo a passo, entenderam que era o tinir de um facão de encontro ao tronco de um coqueiro. A tarefa do bugre manso foi interrompida bruscamente, e viu-se diante do desafio de lutar pela vida, um tanto a contragosto, por ver-se obrigado a lutar contra o seu próprio povo, que o considerava inimigo mortal. Guerreou bravamente até o último instante deixando como saldo alguns mortos. O que restou do seu corpo foi depois encontrado ao lado do facão. Os vestígios indicavam que o bugre, depois de ter sido dominado, já caído, foi golpeado, sendo esquartejado pela própria arma branca.

A morte de Pimentel e seu grupo, em meados de 1941, não marcou o fim do derramamento de sangue nas imediações do Rio Manso, que acabou tendo o topônimo alterado para Rio das Mortes, em virtude de tantos episódios sangrentos.

Alguns dias passaram-se desde o terrível massacre, e quando os moradores de São José do Cocalinho imaginavam que ia ficar tudo entregue ao esquecimento, em um dia nebuloso atracou no improvisado porto do Patrimônio um barco com cerca de setenta homens, que, pelos apetrechos e fisionomias fechadas, refletia bem a frieza da missão bélica e celerada a que tinham vindo.

Apesar de todo o mistério que envolvia os forasteiros dizendo-se oriundos de São Paulo, o povo logo presumiu que



esses tinham vindo a mando da irmã de um dos padres assassinados pelos índios, com o intuito de executarem uma planejada vingança.

Os emissários sinistros, em passagem rápida pelo povoado, após conseguirem as informações precisas de que necessitavam, logo pegaram a trilha rumo ao possível local da aldeia dos Xavantes. A difícil trajetória foi feita no impulso de um objetivo traçado, arquitetado, cumprindo-se um anseio de execução, segundo uma ordem recebida.

Ao despontarem os primeiros raios de sol, em uma manhã de segunda-feira, às margens do Rio das Mortes, no sopé do morro São Domingo, a principal aldeia dos Xavantes foi localizada, e de forma estratégica, pega de surpresa pela caravana da morte. Os silvícolas não tiveram chance de defesa; foram surpreendidos por uma saraijada de balas, e em questão de minutos mais da metade dos habitantes da aldeia foi executada, e nem mulheres ou crianças foram poupados. Restaram apenas alguns sobreviventes que, por sorte, conseguiram escapar ao tiroteio, homiziando-se no mato. Ao perceberem que os algozes haviam ido embora, sobressaltados e lamentosos, retornaram ao local para sepultar os mortos.

O local da aldeia distanciava-se dezenas de quilômetros do povoado, e os paulistas, após cumprirem aquela infeliz jornada, encontravam-se exaustos, e tomados pelo cansaço, e confusos atrapalharam-se ao pegarem a trilha de retorno, emaranhados nos fios da teia de suas próprias consciências conturbadas. Perdidos, imaginavam estar acontecendo uma maldição, pois, quanto mais lutavam para encontrar uma saída mais aprofundavam-se na floresta. Alguns se perderam do grupo, outros, durante o trajeto, sucumbiram de fome, e os que conseguiram sobreviver à escassez de alimento, acabaram contraindo malária ou sendo tolhidos pelas armadilhas escondidas na própria natureza...

Depois de todas aquelas barbáries, os índios, que habitavam na região, tornaram-se ainda mais esquivos, reagiam sempre com violência diante da tentativa de aproximação de qualquer homem branco, dificultando em muito o trabalho dos sucessores dos bandeirantes e catequisadores.

Alguns anos mais tarde, uma expedição organizada por parte do governo do estado, sob o comando de Francisco Meireles, partira para mais uma missão junto aos índios. E, depois de muito trabalho e tentativas, conseguiu aproximar-se primeiramente dos índios Karajás, e, só bem depois é que conseguiram manter contato com os Xavantes, conquistando-lhes a confiança, usando da estratégia de apresentarem alguns presentes, como espelhos, panelas, alimentos e outros.

Naquele tempo, os índios andavam em completa nudez, faziam da folha de coqueiro uma espécie de mini-cofo, que os homens usavam para cobrir seus órgãos sexuais.

VIDA DE SERTÃO

Sertanejo de pele queimada pelo inclemente sol, calor que faz transpirar e exalar o odor forte de suor sobre as indumentárias poidas e remendadas.

Cabelos castigados pelo sol, vento e poeira como atenuante o chapéu gasto pelos intempéries do tempo.

Pelas finchas das desgastadas botinas sobressaindo os dedos amarfanhados pelos muitos tropeços nos escabrosos caminhos do sertão.

Nas mãos as marcas das asperezas do duro labor.

Ombros calejados pelo constante transportar dos pesados fardos... Refletindo no rosto os traços do cansaço, no olhar a incerteza do amanhã discontraem com ilusórios madrigais.

No sorriso franco, horas desdentado a esperança de que tudo venha melhorar. Quem sabe um dia os homens de colarinhos brancos venha realmente valorizar as duras lutas destes sertanejos sofridos responsáveis pela produção do pão que chega à mesa dos abastados.

Para todos os sertanejos que mesmo mantidos no anonimato contribuem para o progresso deste nosso país verde e amarelo.



Azáfama Sertaneja

A ocorrência de forma irreversível desses episódios sangrentos na região marcara, na época, a memória dos moradores do patrimônio de São José do Cocalinho, mas, apesar disso a vida transcorria dentro da normalidade e o lugar ia ganhando nova dimensão. Inúmeros colonos foram chegando, somando-se aos antigos, dentre eles: Alcino Gerônimo dos Santos, Pedro Pereira, Chico Pereira, Abel Nonato, Martim Timóteo e seus filhos, Domingos Monteiro, Manuel Monteiro e Ana Monteiro, Emília Monteiro, Otacílio Nonato, Tiago Nonato e Maria Nonato, Dico Navas, João Marinho, Ângelo Severo, Tiago Barbosa, Pantaleão, Manoel Germano e seus filhos, Luiz Nava, Raimundo Soares Nava, Joaquim Martins de Almeida, Eva R. Almeida, Domingo Barbosa e José Pedro Severo; filho de Ângelo Severo, que foi protagonista da única obra literária sobre a região, *Cocalinho está chorando: morreu Zé Pedro*, escrita por Luiz Nava, após a morte deste bravo vaqueiro, em 20 de julho de 1992.

Transcorreram os anos e a pequena vila de Cocalinho começou sua corrida rumo a um futuro promissor, tanto na agricultura quanto na pescaria, esta já nos remotos tempos tendia a despontar como a principal atividade econômica da região.

Em 26 de abril de 1928, durante o governo de Mário Correia da Costa, o Decreto-lei nº 808 criou o distrito de Cocalinho, pertencente, então, ao município de Registro do Araguaia (hoje extinto), com uma reserva de área na ordem de 1.800 hectares.

Em 21 de abril de 1932, o município de Registro do Araguaia teve o topônimo alterado para Araguaiana, sob o decreto estadual nº 368, de 18 de maio de 1934, e instituiu-se no município de Araguaiana, o distrito de paz de São José do Cocalinho.

Em 25 de outubro de 1948, pela lei nº 163, foi criado o município de São Félix do Araguaia, acontecendo o desmembramento legal da área pertencente ao mesmo, e que, de certa forma influenciou positivamente no desenvolvimento de Cocalinho.

Nesse ínterim, foi construída na vila a primeira escola, um tanto rústica, que se situava em frente ao antigo campo de futebol. Ali, as crianças dos colonos receberam as primeiras aulas, ministradas por vários professores, de acordo com os relatos de Joaquina M. Ferreira (Pequena). A primeira professora foi Zica Simão, depois veio Manoel Calixto.

Em 1926, houve uma grande enchente e as águas do Rio Araguaia alagaram todo o povoado. Com isso, a população dispersou-se, permanecendo fora algum tempo, temendo que as águas aumentassem novamente e a apanhasse de surpresa. Descartada a possibilidade de nova enchente, pelo menos naquele ano, o povo retornou à vila. Logo o professor Emiliano Lima assumiu a escola, sendo depois substituído pelo professor João Dantas. Depois dele, vieram ainda: Maria Augusta, Nevinha, Sebastião Jerônimo e finalmente Joaquina Martins. Em 1950, foi construído o primeiro grupo escolar, com melhor estrutura, no entanto esse foi demolido pelo tempo, acompanhado dos mais diversificados idealistas, que não sabem valorizar nem preservar patrimônios históricos.

De acordo com os relatos de dona Pequena, por volta do ano de 1928, periodicamente circulavam pelo Rio Araguaia

as lanchas Gazeta, Cristal e Piracicaba, que saíam de Barra do Garças e desciam o rio, rumo a Santana do Araguaia e Conceição do Araguaia. Nessa trajetória, ancoravam na vila de Cocalinho, em um pequeno porto improvisado. A passagem dos barqueiros era ansiosamente esperada pelos colonos, que lhes forneciam a lenha necessária para prosseguirem viagem. Na ocasião, acontecia ali um verdadeiro intercâmbio comercial, os barqueiros deixavam seus produtos industrializados e levavam os vários produtos oferecidos pelos pequenos agricultores. Nessa comercialização, raramente se usavam moedas.

Com o passar do tempo, ocorreu o aumento e a diversificação na produção agrícola, em especial nos derivados da cana-de-açúcar. Além dos pequenos animais e aves que criavam, dentre os que já podiam ser abatidos, a maioria da produção não era totalmente consumida pelos moradores do pequeno povoado, e como nem tudo poderia ser armazenado à espera do tempo da comercialização, e, havendo também o risco de serem roubados pelos índios, viam-se às voltas com um grande problema.

A solução era subir o Rio Araguaia em seus pequenos barcos. Nessas embarcações primitivas, a viagem até a antiga Leopoldina (Aruanã), durava de dois a três dias. Ali, como já havia maior concentração de pessoas, era possível o escoamento de todo o excedente produzido que conseguiam levar.

Nessa azáfama sertaneja, transpondo os umbrais rumo a um futuro promissor dentro dos rincões brasileiros, hoje se desenvolve um quadro sócio-político chamado democracia, mostrando-se, em muitos casos, ainda um tanto confusa.

Lacremos provisoriamente as portas da presente realidade, para mais uma vez, percorrer o tempo de volta ao passado, a fim de conhecermos um pouco dos costumes sociais e religiosos desses pioneiros que compunham a vila de Cocalinho, dentro dos domínios do rico estado do Mato-Grosso.

A comunidade, fervorosamente religiosa, nas ocasiões oportunas organizava as festividades, geralmente destinadas à comemoração dos dias santos, o que era sempre motivo de muita alegria. Com muito zelo e satisfação, uniam-se

nos preparativos aos quais revertiam tudo o que fosse necessário, dos *comes e bebes* às grandes barracas feitas com palhas de coqueiro, improvisadas para abrigarem os convidados.

Esses ensejos requeriam, ainda, outros arranjos; até aquele ferro de passar roupas, esquentado em brasas, empoeirado em um canto, vinha à baila desempenhar o seu papel – passar aquelas roupas guardadas a tempos, reservadas para aquelas ocasiões especiais. Dias antes daquelas festividades, já se envolviam nos preparativos, com muita empolgação, alegria e dedicação.

Muitas destas festividades eram de finalidade religiosa, mas não impediam que, após as devoções, viessem as diversões, e a animação durava, às vezes, do início da noite até o sol nascer.

A saúde estava sempre ligada à fé

Era evidente que aquele povo era possuidor de muita fé. Médico ali não existia. Nos apuros e doenças graves, apegavam-se com tamanha fé aos santos de suas devoções que, em muitos casos, acabavam alcançando a graça, fervorosamente suplicada, recorrendo aos votos nas oferendas, tarefas muitas vezes um tanto difícil de serem executadas, mas que faziam questão de cumprir.

Além da fé, valiam-se dos remédios caseiros, chás, raizadas, costumes tradicionais. Já desde pequenos, aprendiam com os pais as ciências da cura escondida na natureza, adquirindo conhecimento das plantas e das propriedades curativas de cada uma delas. Seguindo uma tradição antiga, num determinado mês do ano, logicamente na ocasião acontecia pagamentos de promessas, fazia-se o giro por alguns dias, de casa em casa, e uma era escolhida para o *pouso da folia* – trata-se de *O giro do Divino*. Após a reza e o jantar que, de muito bom grado, era oferecido pelo anfitrião, finalmente, chegava o momento dos repentistas cantarem aos acordes da viola.

Logo depois vinha o catirão, tão falado, que vem deixando saudades nesses dias atuais.

Naqueles idos davam-se muito mais ênfase às come-

morações dos dias de São João, São Pedro e Santo Antônio, além de outros.

É interessante notar como aquele povo era zeloso e fervoroso em suas crenças. A crença, acompanhada de perseverança e coragem, fazia com que alcançassem seus objetivos.

Izidório Ribeiro Costa, hoje com 79 anos de idade, usufruindo de completa lucidez, relatou-me o interessante fato citado a seguir, vivido por ele mesmo.

Ao chegar em Cocalinho, em 1942, para trabalhar em fazenda, existia na vila somente uma rua, hoje a Rua Joaquim de Almeida, com alguns ranchos de palha. O resto era somente mato, as estradas muito ruins, a ração e outros *aprestos* para gado, imprescindivelmente, tinham que ser trazidos de Goiás Velho (antiga capital de Goiás) ou Barra do Garças-MT. Para esse fim, viajavam duas vezes por ano, com tropas de animais, atravessando o rio a nado. Nessa época, os índios Xavantes eram ferozes, atacavam os brancos sempre de surpresa, o que representava um perigo constante.

Dadas as circunstâncias, e desejoso de ver mudar, de forma pacífica, aquela situação hostil dos índios, ele participou de uma expedição destinada a manter contatos com a principal aldeia Xavante, localizada nas proximidades do Morro São Domingos e do Rio das Mortes. Alguns daqueles silvícolas remanescentes dos que haviam assassinados os padres e o grupo de Pimentel, e sendo posteriormente rechaçados pelo grupo paulista. Ali naquele clima de insegurança a hostilidade onde os gentios estavam sempre a sorrelfa, Izidório Ribeiro Costa viveu por dois anos. Dormia em sobressaltos, imaginando não amanhecer vivo. Muitas vezes, ao ver-se frente ao perigo, quando a morte parecia irrevogável, cercado por grupos de índios enfurecidos, armados de bordunas, sua única maneira de defesa eram as orações. Apesar de tê-las na memória, portava-as também no bolso, escritas em papel, e as tem como relíquias, um tanto desgastadas pelo tempo de manuseio. Sigilosamente mostrou-as, dizendo tratar-se de um segredo dele, bem pessoal, que nunca quis revelar.

Segundo seu relato conforme sua crença, aquelas orações foram as suas únicas armas defensoras, diante dos ín-

dios que chegavam mostrando hostilidade, mas, no entanto, não tocavam em um só fio de seus cabelos e, de chofre, tornavam-se afáveis; confirmou também, que se valia dessas mesmas orações contra bichos peçonhentos.

**Nessa azáfama de sertão,
tudo tem seu proveito, nada se perde**

O meio natural é rico e apresenta com diversas alternativas, de grande utilidade na economia doméstica, desde a culinária até a beleza da pele e cabelos.

Infelizmente, estamos vivendo dias em que os valores estão sendo esfacelados, desprezados, cedendo lugar a coisas que nem sempre levam no conteúdo o que se expõe no rótulo. Valendo-se da praticidade, a nova geração desvia-se dos valores naturais, quem sabe por requererem um pouco mais de trabalho, envolvendo as técnicas do preparo. Por desconsiderar os recursos naturais, vive-se o prejuízo traduzido em pobreza, acarretando outras formas de compensação, nem sempre correta ou legal. É interessante ressaltar, que na providência da natureza tudo tem seu valor utilitá-



Maria José de Oliveira, Quebradora de cocos, profissional no ramo desde 1956, quando tinha nove anos de idade,

rio... Como exemplo, dentre as muitas espécies de palmeiras, encontra-se o babaçu que produz o coco. Suas cascas podem ser aproveitadas em substituição à lenha. Sua castanha é rica em óleo, que, após ser devidamente preparado, pode ser vantajosamente utilizado em diversas modalidades: – na culinária, em frituras de ovos, concede à farofinha um sabor muito especial, dá ao cuscuz e ao beiju um sabor exótico, interessante, com mais de quatro meses de fabricação, o sabor se altera: – na beleza, passando-o sobre a pele, na praia, proporciona um bronzeado especial; age como repelente natural contra os mosquitos, em banho de óleo, dá maciez e brilho aos cabelos.

De muito bom grado ela passou esta receita para que fosse citada neste livro de Cocalinho, tornando assim do conhecimento de todos os que, porventura, ainda não conhecem o modo de preparo e a utilidade do óleo de babaçu.

A propósito, o modo de preparo citado refere-se a uma forma ainda bem primitiva e totalmente manual.

“Deve-se colher o coco devidamente maduro. Sua casca, muito dura, é quebrada da seguinte forma: coloca-se o machado com o corte virado pra cima; sobre o corte põe-se o coco e malha-o com um cacete curto. Depois de aberto, retira-se a castanha;

Após juntar aproximadamente 18 litros de castanhas, leva-se ao pilão, e depois de tudo bem amassado (pilado), põe-se em uma panela e leva-se ao fogo, mexendo sempre, até que fique bem tostadinho. Retorna-se ao pilão, até que fique bem piladinho. Jogar tudo em um tacho acrescentando-se cerca de vinte litros de água, formando uma espécie de borra rala. Deixar ferver até que diminua pela metade.

Adicionar mais água, aproximadamente dez litros. Nesse processo, a massa assenta-se no fundo do tacho e o óleo precipita-se. Com uma concha, colhe-se o óleo, separando-o em outra panela. Em seguida, leva-se ao fogo para apurar, até desaparecer todo vestígio de água. Então é só deixar esfriar e engarrafá-lo. Está pronto para ser usado”.

MULHER SERTANEJA

Perplexa, irrosolutas perdendo a razão nas escoladas do tempo as vaidades contidas a rusticidade do ambiente destrói a aparência, pele ressecada, trincada pelo sol e vibrações do vento que agita os cabelos crespos, empoeirados, danificados. Para elas, o poder dos cosméticos são desconhecidos.

Mãos ásperas, unhas toscas, pés maltratados e descalços, passos confusos muitas vezes lentos embaraçados pelas cólicas próprias do costume das mulheres. É preciso ser corajosa e prosseguir silenciosa suportando o peso que a vida lhes impôs.

Vestes desbotadas, gastas, desajustando a silueta, esconjuras a sorte remoendo lembranças, desenganos e sonhos irrealizados: cozinha, arruma, quebra coco. Na estiagem, a água escassa, na cabeça uma trouxa de roupas a lavar na fonte distante. Não importa o sol causticante ou o cansaço, dias corridos, a rotina é a mesma...

IV

Sonhos e Afãs

Crê-se desde o surgimento da humanidade, que os sonhos têm funcionado como uma espécie de combustível, diante dos ideais e lutas da vida, não importando a trajetória, dificuldades e sofrimentos.

Movidos pelos sonhos, muitos deixaram a sua terra natal e seus parentes para aventurarem-se na busca de vestígios de estórias e de certos lugares “que manam leite e mel”, almejando serem afortunados com achados preciosos. Há também os sonhadores modestos, que consideram de bom tamanho o simples fato de conseguirem um pedaço de terra agricultável, onde possam promover a grande riqueza, que se resume na fartura de alimentos.

Com os imaginários objetivos traçados, sonhando com um pedaço de chão, muitas pessoas rumam para as mais variadas partes do país, porém, com o passar dos anos os sonhos adormecem, e muitos desses sonhadores não alcançam mais do que a simples posição de empregados ou agregados, e então, o único pedaço de terra conseguido é aquele com sete palmos de profundidade, geralmente destinado a todos para descanso...

Mas, os sonhos nem sempre morrem, perpetuam-se nas novas gerações, as quais, imaginando que terão mais sorte, continuam a luta herdada.

Os sonhos, enquanto só sonhos escondem o sabor da realização.

Todos precisam de um sonho para dar ênfase à vida...

Terrível sensação a de descobrir que não é mais possível sonhar.

Como dizem, vale a pena sonhar, não importa o tamanho da aventura exigida... sempre houve e haverá pessoas dispostas à aventurar-se.

Este episódio, no mínimo intrépido, vale a pena relatar.

Fato relatado pelo sr. Domingos Barbosa dos Santos:

Certa feita, por volta do ano de 1938, alguns homens com as esposas, em busca de um melhor lugar ao sol, resolveram aventurar-se, navegando o Rio Araguaia no sentido de Cocalinho, em uma canoa do tipo bem primitivo, mais conhecida como coxinho. Devido às condições da embarcação não podiam esperar muito da sorte, se é que esta existe – parece que para uns ela é mãe, já para outros é madrasta.

O grupo iniciou viagem com uma animação tão grande que nada parecia capaz de frustrá-los. O dia estava lindo, cenário dos mais agradáveis, o céu azul adornado por algumas nuvens brancas refletidas nas águas tremulantes, enganosas, em prenúncio do perigo à sorrelfa à espreita dos incautos. Assim é o Rio Araguaia, cheio de fascínios, mas também com seus mistérios...

No local exato onde se encontram as águas do Rio Araguaia e do Rio das Mortes, a canoa alagou-se, e, em questão de minutos os viajantes viram-se obrigados a abandonarem-na, caindo na água, vendo-a desaparecer lentamente sob águas. Ficaram então em grande apuro.

Talvez, antes nunca tivessem pensado na morte, por nunca terem preocupações com ela, mas naquelas circunstâncias, o pensar na morte era simplesmente aterrorizante. Depois de muito se debaterem nas águas, já sentindo o peso do cansaço, por sorte, conseguiram alcançar algumas árvores, em uma pequenina ilha no meio do rio. Ali se agarra-

ram aos galhos, imaginando escapar de pelo menos mais alguma armadilha da natureza, e enquanto isso, quem sabe aparecesse algum barco que pudesse socorrê-los.

Permanecer ali poderia significar a morte, mas saltar nas águas para alcançar a terra e viajar pela mata desconhecida, o perigo era também eminente. Existiam os índios, animais selvagens, além de outros contratemplos.

Ali ficaram por muitos dias, na expectativa, em condições totalmente desfavoráveis. As horas pareciam intermináveis. Quando já estavam perdendo as esperanças, apareceu um barco, mas por incrível que pareça, a alegria durou pouco. O barco afundou a poucos metros de onde estavam, não se sabe ao certo, se devido ao mau estado de sua conservação ou pelo excesso de peso.

Inconformados com a situação, João Meletom, Pedro Ferreira e Melquides Ferreira, que viajavam no último barco naufragado, resolveram nadar uns dois quilômetros rio abaixo, na tentativa de avistar uma trilha, que sabiam levar à moradia de Ladislau e sua família, e também do padre Xavelão e outros, que ali se encontravam com o objetivo de contactar os índios.

Da beira do rio onde os três homens estavam, ao local da moradia de Ladislau, distavam-se cerca de duzentos quilômetros, representando uma longa viagem, feita a pé por um caminho muito acidentado entreaberto no meio da mata. Então, já exaustos e famintos, finalmente alcançaram a casa de Lasdislau. Contaram-lhe o acontecido e pediram-lhe auxílio. E este, solícitamente, prontificou-se em acompanhá-los, e dentre os arranjos indispensáveis para a viagem, incluiu-se uma canoa batizada com o nome de Piraíba, feita pelo próprio Lasdilau. Transportando tudo o que era necessário, alcançaram a beira do rio e remaram em direção ao local em que o restante do grupo havia ficado, na vaga expectativa de que o socorro chegasse a tempo...

Em seus duros dias de espera, enfrentando a fome com o uso de todas as alternativas possíveis, já bastante enfraquecidos, os ilhados ao avistarem o socorro, foram tomados por uma euforia inevitável, a ponto de um deles dizendo saber nadar, saltar com a intenção de antecipar-se ao resgate, porém afogou-se, sem que pudessem conseguir salvá-lo.

Todo esforço fora feito, mas as adversidades enfrenta-

das por este grupo foram inúmeras. Ao chegarem, ficaram sabendo que uma mulher, ali mesmo em cima da árvore, havia dado à luz a uma criança que caíra na água, sendo fatalmente devorada pelas piranhas.

Esta foi mais uma azáfama sertaneja, dentre muitas outras acontecidas com pessoas em busca de dias melhores, por esse Brasil afora, e que nem sempre tiveram um bom final.

V

Dos sonhos às conquistas

Após os duros primeiros anos de luta pela ocupação dessa terra, onde hoje se situa a bela cidade de Cocalinho, persistiu o afã rumo ao futuro, ao desenvolvimento e aos anseios de que o povoado viesse ser reconhecido pelas autoridades governamentais do Estado de Mato-Grosso.

Somente a partir de 1935, é que o patrimônio começou realmente a alongar seus passos rumo a este grande anseio, em virtude da expansividade dada a esse ideal pelos filhos dos desbravadores, acompanhados do incentivo dos novos moradores que iam chegando. Dentre eles, Alcino Gerônimo dos Santos, que por volta do ano de 1943, abriu o Cartório de Registro Civil local, sem dúvida, dando impulso à realização dos sonhos dos pioneiros, aos quais já cansados, e um tanto fadigados pelas lutas travadas no passado, vendo suas forças minguaem, restavam, no entanto, torcer pelo sucesso das novas gerações, na

esperança de que viessem a abraçar a causa de dar continuidade às suas conquistas e sonhos...

As atividades na produção agrícola e na pecuária, a cada ano que passava vinham sendo exercidas em maior escala. Os meios utilizados na produção agrícola eram ainda à moda antiga (não mecanizada). Na pecuária, algumas pessoas, favorecendo-se das extensas pastagens naturais, fizeram alguns investimentos, formando pequenas propriedades nos arredores do patrimônio.

Na década de 40, as ações desempenhadas pela renomada Fundação Brasil Central, deram grande impulso ao desenvolvimento da região.

Conforme os relatos de Otacílio, no final dessa década, os moradores de Cocalinho foram surpreendidos com a chegada de um jeep, causando um grande impacto, pois muitos deles nunca haviam visto um carro antes.

No ano de 1950, a vila de São Félix foi elevada à categoria de Distrito de Barra do Garças, no governo de Arnaldo Figueiredo.

Segundo dona Pequena, nesse período começaram a circular no Rio Araguaia, barcos fazendo linhas de Baliza, Leopoldina (Aruaná) a Conceição do Araguaia. Não havia data certa de passagem pelo patrimônio de Cocalinho, poderia demorar meses, mas mesmo assim, para os moradores representava um braço do progresso.

O primeiro barco a circular fora batizado pelo nome de Colombo, e outros vieram depois, nomeados de Mineiro, Araguaia, Leão, Nova Pátria, Jaboáçu e Frei Francisco, sendo este o que mais perdurou. O mesmo pertencia ao pai do deputado Humberto Bosaipo.

Com esse meio de transporte, a comercialização dos produtos dos colonos estendera-se até outros mercados. Na década de 50, abriu-se uma estrada rústica que costeava o Rio Araguaia, passando pela fazenda Dumbá, indo até à baliza que dava acesso a Leopoldina - o porto ficava quase em frente à cidade facilitando ainda mais o transporte de maiores quantidades de produtos, utilizando-se de carros de bois.

Com o considerável aumento das pequenas fazendas, começou a preocupação dos respectivos donos com a legalização dessas terras. Não possuindo nenhum documento oficial garantindo a posse definitiva das terras que ocupavam,



ESTADO DE MATO-GROSSO

LEI Nº 741 , DE 18 DE JUNHO DE 1 955.

Retifica os limites do Patrimônio de "Cocalinho", no município de Barra do Garças.

O GOVERNADOR DO ESTADO DE MATO-GROSSO :

Faço saber que a Assembléia Legislativa do Estado decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Artigo 1º - O Patrimônio de Cocalinho, no município de Barra do Garças, criado pelo Decreto nº 1 329, de 19 de maio de 1 952, passa a ter os seguintes limites: Partindo do lugar denominado Olaria, à margem esquerda do rio Araguaia, por este acima até o marco da Fazenda Dumbazinho; a seguir acompanha a divisa desta Fazenda até a estrada Boiadeira. Dêste ponto, pela estrada boiadeira até o Batente de Pedra e daí uma reta até o ponto de partida.

Artigo 2º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio Alencastro, em Cuiabá, 18 de junho de 1 955, 134ª da Independência e 67ª da República.

Registrada à fls. 440.
do Livro competente.
em 6. 7. 55
de Barra do Garças
de J. J. J. J.

[Handwritten signature]

empenharam-se no sentido de conseguir a documentação legal. Os posseiros organizaram-se e conseguiram a documentação junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), em Barra do Garças, município ao qual se integrava São José do Cocalinho.

Legalizando suas áreas, os pequenos fazendeiros receberam incentivos para o aumento de suas produções, e, mais seguros, sem o risco de perderem no futuro tudo que haviam construído com muito esforço, lançaram-se ao trabalho com novo alento.

Por outro lado, a legalização das terras atraía investidores interessados em comprá-las, originando as grandes fazendas que hoje existem no município. Uma das primeiras a serem formadas fora a antiga Fazenda Val dos Índios, que pertenceu ao senhor Milbuge Lopes, que anexada a várias outras pequenas propriedades, transformou-se na atual Fazenda Saudade, pertencente às Organizações Roberto Marinho (Rede Globo).

Dentre outras, encontram-se a Fazenda Riuna, resultante da união de algumas pequenas propriedades. Parte de suas terras pertencia ao senhor Tiago Barbosa dos Santos; a Fazenda Barro Alto, que pertenceu ao senhor João Goulart, ex-presidente do Brasil, depois passou à propriedade do ex-prefeito de Barra do Garças, Ladislau Cristiano (Lalau). A este pertencia, também, a Fazenda Santa Sílvia. A atual fazenda Dumbazinho era de propriedade de Leopoldo de Bastos, e a atual Dumbá era de propriedade de José Lotério Ferreira.

Enfim, ressalta-se que as grandes fazendas (latifúndios) existentes hoje dentro do município de Cocalinho, são áreas englobando pequenas propriedades existentes no passado.

Junto ao movimento para a legalização das terras, também teve início a realização de mais um antigo sonho dos moradores – o reconhecimento oficial do povoado pelo governo do estado. Em 19 de maio de 1952, por meio do Decreto-lei nº 1329, de 30 de maio do mesmo ano, transformado em Lei de nº 741, de 18 de junho de 1955, reservou-se uma área de 3.600 hectares de terras devolutas para a, então reconhecida, Vila de São José do Cocalinho.

Em parte, realizara-se o antigo sonho dos moradores.

Embora fosse considerada pequena, a área reservada foi bem aceita pelos habitantes, sendo motivo de muita alegria.

O reconhecimento da vila representava uma grande conquista, e decididos a continuarem a luta por melhores dias, abriram outra estrada rústica, dando acesso a Nova Xavantina, que na época já se destacava na região, creditando-se este fato à Fundação Brasil Central. Tal estrada passava pelas atuais fazendas Santa Sílvia, Buritizal e Pindaíba. Com o acesso a Leopoldina (Aruanã) e Nova Xavantina, a vila de Cocalinho foi sendo gradativamente reconhecida em toda a região, atraindo maior atenção por parte das autoridades políticas de Barra do Garças.

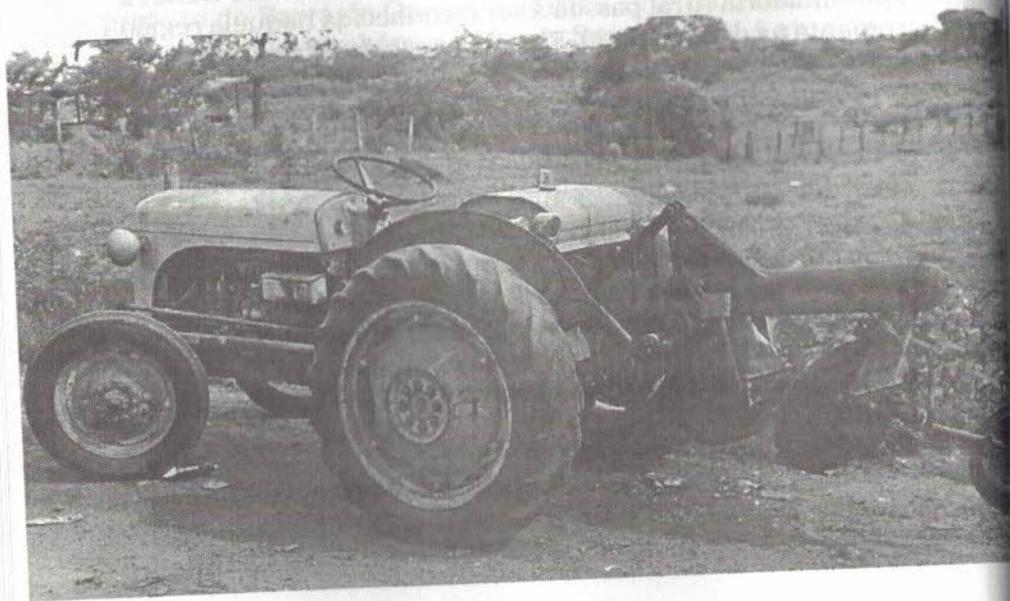
Na década de 60, o então prefeito Ladislau (Lalau), abriu uma estrada ligando em definitivo Cocalinho à Barra do Garças. No ensejo, delegou ao subprefeito o papel de administrador, com autoridade para manter a ordem no lugar, e, mais próximo do povo, atender, oportunamente às reivindicações da população da vila de Cocalinho. Foram sub-prefeitos: Raimundo Soares, Justino Nava, Henrique Merachi, Domingos Barbosa, Calmom Damasceno, João Crente, Francisco Ferreira Martins, Vilmar Alves Ferreira e por último, Jair Neri dos Santos.

De acordo com a declaração de José Abadia Leite, a aposentadoria rural passou a ser reconhecida naquela região somente na década de 80. Ele cita o caso de Alcino Jerônimo dos Santos, natural de Barra do Corda, no Maranhão, que fora o primeiro juiz de paz em Cocalinho e morrera em Barra do Garças, trabalhando na época com o porteiro do cemitério, pois, apesar de estar avançado em anos não era aposentado e tinha que fazer algo para defender o pão de cada dia.

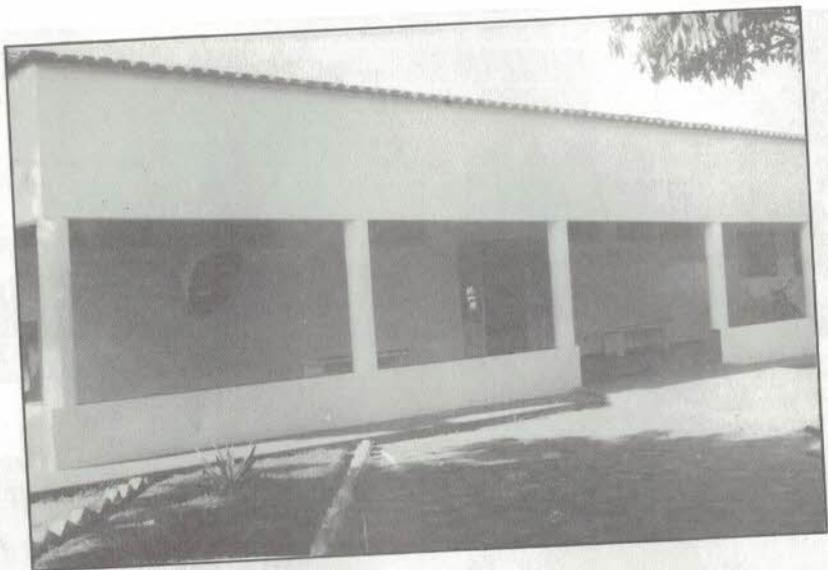
Por volta de 1965, os incentivos fiscais favoreceram maiores incrementos em várias regiões do estado do Mato Grosso, inclusive no médio Araguaia, com empréstimos a juros exíguos, e ainda, os projetos executados pelo governo federal, como a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) e a Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO).

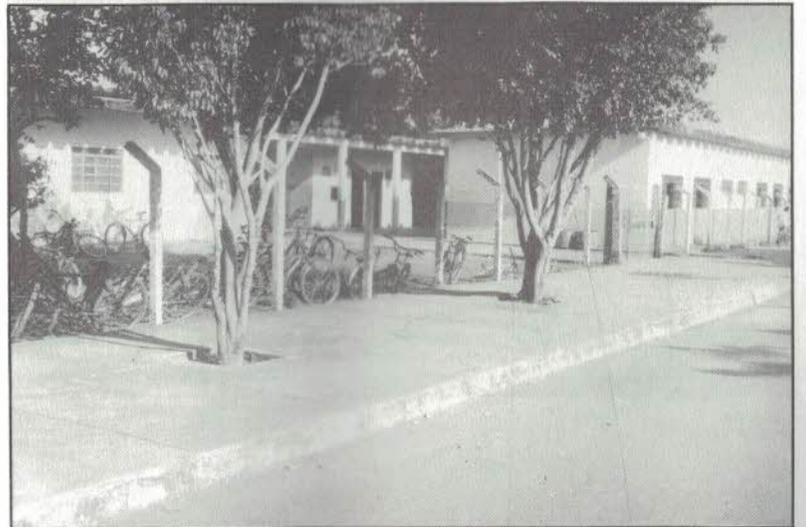
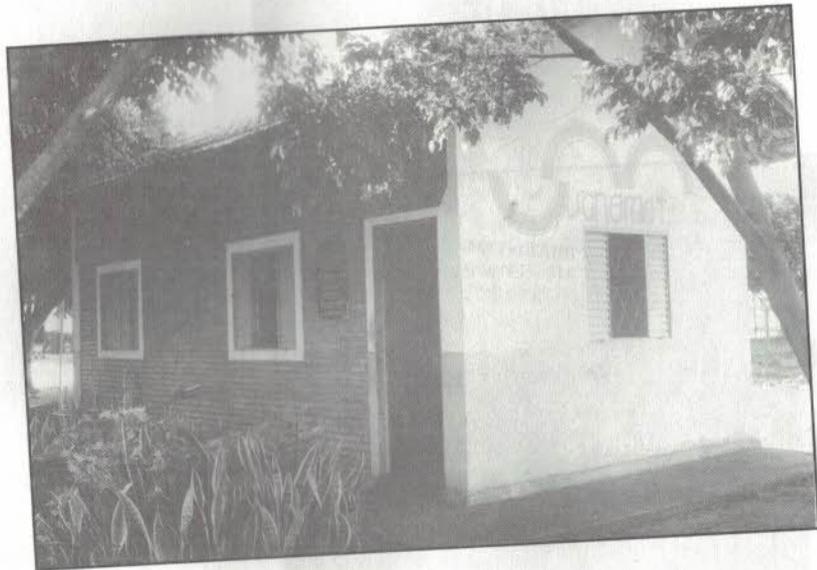
Em meados de 1965, chegara em Cocalinho o primeiro trator, trazido de São Paulo pelo casal Gustav Michael Pfof e Hedwig Pfof. Foi de grande utilidade na prestação de so-

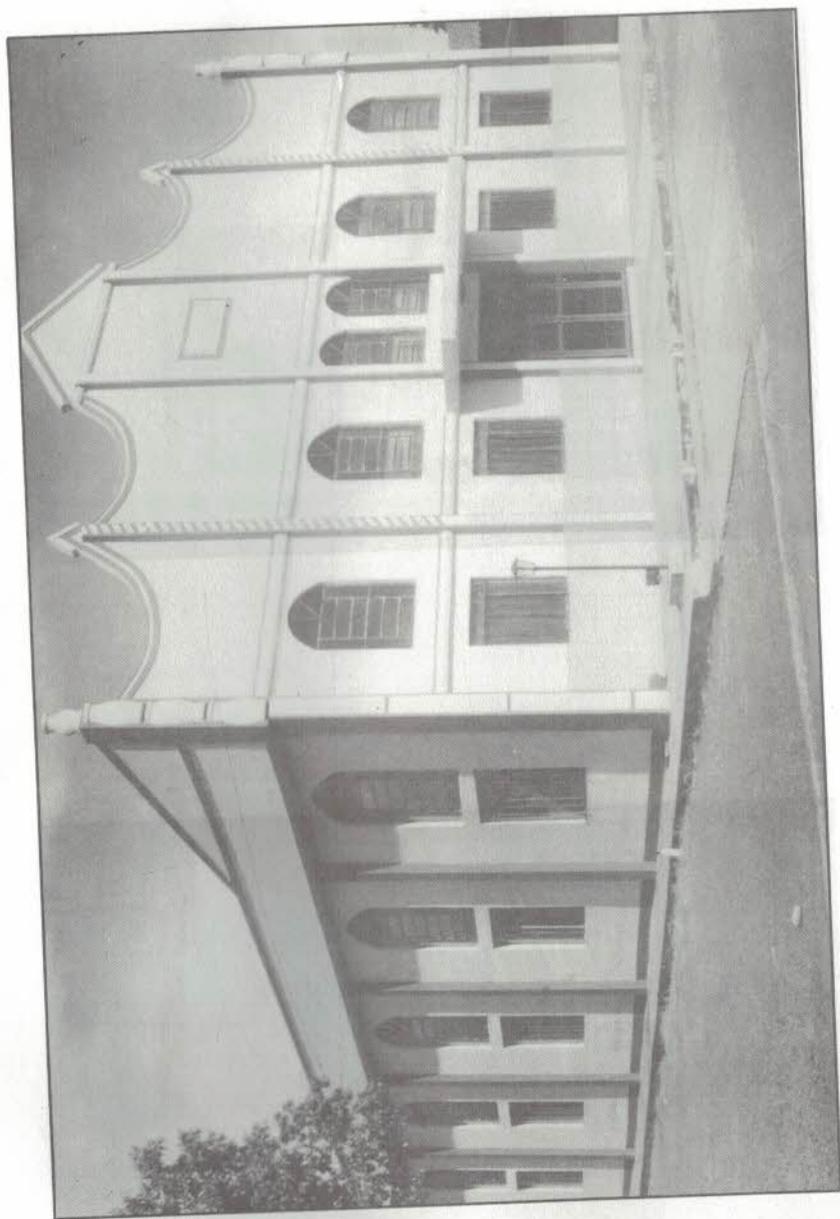
corro aos moradores, quando as águas do Rio Araguaia transbordaram, e como *charrua*, invadiram o povoado de Cocalinho em 1966. Esse trator desempenhou as mais diversas tarefas, e atualmente pertence ao Luiz Henrique Amaral, que o conserva como verdadeira relíquia.















Tudo se dá em um ritmo lento, a imperiosa das viagens que não permitem a qualquer momento uma parada rápida, em companhia de quem para logo depois. Mas não, mesmo quando o tempo é curto, é preciso a companhia dos outros que se encontram no grupo. Para quem não tem tempo, o tempo é sempre o mesmo. Não há tempo para o tempo, o tempo é sempre o mesmo. Não há tempo para o tempo, o tempo é sempre o mesmo.



...o tempo é sempre o mesmo. Não há tempo para o tempo, o tempo é sempre o mesmo. Não há tempo para o tempo, o tempo é sempre o mesmo.

...o tempo é sempre o mesmo. Não há tempo para o tempo, o tempo é sempre o mesmo. Não há tempo para o tempo, o tempo é sempre o mesmo.

VI

Novos tempos

“Tenho saudades dos velhos tempos, em especial das viagens que fazia navegando o Araguaia, mesmo em tempos mais recentes, em companhia de meu esposo Francisco Ferreira Martins, numa canoa com motor de popa. Saíamos a comercializar nas ribeiras dos rios, inclusive no Tapirapé [Porte Alegre do Norte], comprando peles e deixando produtos industrializados. Nesse ensejo, sempre apreciávamos o cenário da natureza, a passarada em grande festa, os **colhereiros** cor-de-rosa, gaivotas, garças, nos pântanos os muitos jacarés... Hoje onde estão?” (Joaquina Martins Ferreira, dona Pequena)

Começava um novo tempo, uma nova geração, mais pessoas iam chegando à vila de Cocalinho, que havia se expandido. Apresentou-se, então, como necessidade urgente afastar-se um pouco das margens do Rio Araguaia, era raro o ano em que não havia alagamentos, provocando destruição de ranchos e casas. Com esse intuito, resolvera-se abrir a Rua Alaor Pinheiros, que fica abaixo do atual Hotel Pousada Araguaia. Em seguida, começaram a aumentar a Av. Hermano Ribeiro

A prefeitura municipal, já implantada funcionava na esquina da Av. Araguaia com a Rua Cristalino, e contava com poucos funcionários no corpo administrativo.

Novos tempos, novos desafios.

Nicanor Freires dos Santos iniciou a implantação da infra-estrutura do município. Lutando contra muitas dificuldades, de modo dinâmico deu seguimento à expansão da cidade. Criou novos loteamentos, conseguiu desenvolver o projeto de luz elétrica, por meio de um motor gerador, movido a diesel, levando energia a várias residências de Cocalinho. Adquiriu uma pá mecânica, concluiu algumas obras e iniciou outras.

Sua gestão administrativa foi de curta duração, apenas dois anos (biênio 1987/1989), seu bom desempenho deixou saudades. Na seqüência dos anos, muitos tiveram oportunidade de analisar sua atuação, tanto que foi novamente eleito para o período 2001-2004.

No primeiro quadro EXECUTIVO de Cocalinho (1987/1989) participaram:

Prefeito municipal: Nicanor Freires dos Santos.

Vice-prefeito: João Persiano



No LEGISLATIVO:

Antônio Garcia

Valdivino Francisco dos Reis

Aldenor Pereira da Cunha

Jovino Pereira da Cunha

Severiano Caetano de Brito

Júlio Ribeiro de Souza

Heleno Tenório de Oliveira

Findou a primeira administração, desencadeou-se a luta pelo poder, originando as tradicionais rivalidades, comuns nos dias atuais e generalizada em todo país. Uma política confusa, um tanto exasperada, depauperando a ética e a moral, conspurcando o que é um direito de todo cidadão, a escolha do candidato pelo voto livre.

No segundo quadro EXECUTIVO (1989/1993) participaram:

Prefeito municipal: Sebastião Moreira de Lima

Vice-prefeito: Severiano Caetano de Brito

No LEGISLATIVO:

Carlos Moacir

Jair Neri

José Machado

Argemiro Vieira

João Alves

José Caetano

José Ribeiro (Sabbá)

Inácio Tenório

Vilsom Martins

No terceiro quadro EXECUTIVO (1993/1997):

Prefeito municipal: Juarez Falone

Vice-prefeito: Inácio Tenório

No LEGISLATIVO:

Leandro Barbosa

José Machado

João Alves

José Ribeiro (Sabbá)
Carlos Martins de Oliveira
Sérgio Carlos
Vilsom Martins
Caetano Falone
Dominos Pereira Salgado

No quarto quadro EXECUTIVO (1997/200) compunha-se:
Prefeito: Luiz Carlos Lima Peres (Catinho)
Vice-prefeito: Celso Marques de Pádua

No LEGISLATIVO:

Leandro Barbosa
Jarbas Ribeiro
Caetano Falone
Maria Eterna
Neusa Garcia
José Cardoso
Odenir Gonçalves
Manoel Teles
Velsom A. Silva

No quinto quadro EXECUTIVO, para o período 2001-2004
Prefeito: Nicanor Freires dos Santos
Vice-prefeito: Vandir

No LEGISLATIVO:

Claytom M. de Barros
Maria Elóide S. de Almeida
Luiz Henrique do Amaral (presidente da Câmara)
Celso Marques de Pádua
Esmeraldo A. de Arruda
Valdete Marques de Oliveira
Jarbas Ribeiro de Souza
Maria Eterna de Souza Arruda
Edilson Caiado Freires

VII

Cocalinho, um portal de acesso ao turismo

Às margens de um dos mais belos rios do país, o Rio Araguaia, com suas vastas e belíssimas praias de areias brancas, adorna o município de Cocalinho. É generosamente banhado por outros, como o Rio Cristalino e Rio das Mortes, dentre diversos menores. Suas terras proporcionam atrações maravilhosas, como a gruta do Calcário, seus lagos naturais formam cenários deslumbrantes inspirando poetas e romancistas, atraindo para suas paragens cinegrafistas, produtores de filmes e de novelas. O município considerado paraíso ecológico, foi palco de boa parte das gravações da novela *Rei do Gado*, realizada pela Rede Globo na Fazenda Saudade, além de outros documentários para a televisão, mostrando suas incomparáveis belezas, seus rios e matas com seus fascínios e mistérios...

Esse portal está aberto ao turismo, e nos últimos tempos tem recebido cuidados peculiares em uma ação conjunta entre o povo e administração municipal, que vem desem-

penhando um ótimo trabalho, em especial na divulgação do seu potencial turístico, além de investimentos em infra-estrutura. Para o conforto dos turistas, conta com abastecidos supermercados, farmácias, lanchonetes, bares, hotéis, restaurantes e outras comodidades necessárias para que os visitantes se sintam em casa.

A cidade de Cocalinho é hoje conhecida por pessoas de toda parte do país e até do exterior, como o local ideal para se distrair, curtir a vida, harmonizando ambiente saudável, ar puro, boas águas, sol e praias...

O ecossistema, resguardado pela conscientização ecológica dos moradores da região, mostra-se equilibrado, favorecendo homizio à biodiversidade, encontrando-se, ainda, um considerável número de animais selvagens, já extintos em outras regiões do país.

Seus rios, em determinadas épocas do ano, favorecem a pesca farta, atraindo os mais exímios pescadores de locais mais distantes. Essa prática, que sendo ecologicamente conduzida, pode preservar a natureza, que pertence à geração presente, de forma condicional, constituindo herança dos vindouros, que têm o direito de recebê-la em boas condições...

A economia do município é baseada na pecuária, na agricultura, em menor escala, e na exploração de uma jazida de calcário, em plena atividade.

O transporte aquático ainda é um tanto acanhado. Funciona com pequenas embarcações com motores de popa, voadeiras e as balsas utilizadas para a travessia do Rio Araguaia e do Rio das Mortes.

O transporte terrestre conta com linha direta de ônibus, para Água Boa, Barra do Garças e algumas cidades no Estado de Goiás. Suas estradas ainda não são asfaltadas. No tempo das chuvas, aparecem os lamaçais, e na seca, os inúmeros buracos, que trazem as lembranças dos velhos tempos. Mas, a expectativa de divisão do Estado, criando-se o Estado do Araguaia, viabilizará o projeto de construção de uma ponte sobre o Rio Araguaia, um sonho antigo da população, interligando os dois estados – significando a consolidação de um eixo, pelo qual a cidade de Cocalinho será ratificada nacionalmente, com acesso facilitado às importantes rodovias e hidrovias do país.

A cidade é servida por um aeroporto, mas, que atualmente se encontra sem os serviços de linhas aéreas..

Na área da educação, conta com cerca de vinte escolas municipais rurais, dentre estas 12 foram criadas em 1987, pela lei nº 08/87. A primeira escola estadual do município foi a escola Moreira Cabral, uma extensão de Barra do Garças, que o tempo se encarregou de deteriorar, sendo sua demolição atribuída à enchente de 1980, surgindo a Escola Estadual Getúlio Vargas, existente até os dias atuais. Existem, ainda, a Escola Estadual Raimundo Soares Navas, e ainda, na zona urbana, a Escola Municipal Alto Cocalinho, além da recentemente inaugurada, Escola Municipal Salomé José Rodrigues (nome em homenagem ao pai do deputado federal Antônio Joaquim).

Conta ainda com a Creche Mãe Preta, para a qual a prefeitura municipal está dispensando recursos necessários à infra-estrutura e acabamento. O orçamento foi calculado em torno de R\$ 37.000,00 reais. Consta que a gestão anterior inaugurou a obra sem as devidas condições de funcionamento.

Também é mantido pela prefeitura municipal convênio com a Universidade Estadual de Mato Grosso (Unemat) – Faculdade de Férias, com o objetivo de oferecer a todos os professores um curso superior.

VIII

A sociedade, em geral, vive um novo tempo

Pode-se notar que existem diferenças entre o ritmo de vida dos antepassados em relação à nova geração. A impressão que se tem é que os sonhos estão se perdendo no lume da degradação moral, ideológica e social.

Vem acontecendo uma perda da capacidade de sonhar, também sendo descartados os objetivos a serem perseguidos para as realizações...

De forma generalizada, a sociedade atual vive um desequilíbrio, com sérias conseqüências e prejuízos, o que se atribui ao fato de cada um somente pensar em si próprio, em seus prazeres, lucros e vantagens.

O egoísmo tem dado muito o que falar nos noticiários de rádio, televisão e jornais. Há acontecimentos que causam impacto e são difíceis de acreditar. Seres humanos que agem como máquinas, sem nenhum sentimento, desencadeiam terríveis crises, desgraças e aflições a outros.

Uma grande maioria vive hoje mecanicamente, como

se fosse o último dia sobre a Terra. Estão sempre apressados, vivem sem paz interior, enfim, envolvidos em questões transitórias, nas quais o ganho sempre desponta em primeiro plano. Esquecem-se, no entanto, que para se "ter algo é preciso primeiro ser alguém". O consumismo avança cada vez mais, dando estímulo às competições, e cada um, para alcançar seu alvo, torna-se insensível, ignorando o respeito, os direitos, as necessidades, os sofrimentos e os sentimentos de seus semelhantes.

Nessa corrida, muitos conseguem juntar fortunas, porém, elas não são capazes de preencher a lacuna deixada pelo desamor e pela falta de fé, provocando a infelicidade e a depressão que permanecem. Disso, resultam hospitais abarrotados, cobrando altos preços, ministrando medicamentos e tratamentos sofisticados, mas que, na verdade, não produzem efeitos satisfatórios. A melhor terapia para muitos dos males da sociedade, encontra-se na virtude, que traduz a paz, que jamais foi e nem será possível comprar...

À medida que os verdadeiros valores humanos vão se perdendo no limiar dos tempos modernos, torna-se patente a necessidade da sociedade em levantar-se a favor de si mesma, organizando-se, desenvolvendo e exercendo de uma forma correta o auto-conhecimento, o inter-relacionamento, e, como conseqüência, a saudável interdependência das criaturas humanas, que tanto buscam ser livres.

Para chegar a esta liberdade, requer-se nova metodologia quanto à extinção da violência, que a cada dia aumenta mais o seu cerco, mas que somente será erradicada, ou pelo menos minimizada, quando a visão referente ao ser humano e ao mundo for ampliada, sob a luz da consciência, englobando criatividade, os valores humanos, potencial humano, novos paradigmas, reeducação, desprendimento dos bens materiais, tudo, com uma boa dose de alfabetização moral e disposição para os bons desígnios. Essa política revolucionária em busca de um mundo melhor envolve, necessariamente, cada integrante da sociedade, sem distinções de raça, cor, religião, profissão ou classe social.

As drogas, em suas mais diferentes formas, estão minando a força da família e seus valores no seio da nossa sociedade. Desde os grandes centros até aos pequenos, têm como alvo principal os adolescentes e jovens, e pouco, ou quase

nada está sendo feito para mudar esta situação caótica, seja em níveis familiares, sociais ou governamentais, em suas diversas esferas, **federal, estadual e municipal**. A Justiça está ficando cada vez mais comprometida, muitas vezes preocupando-se em punir somente os pequenos crimes, enquanto os grandes ficam completamente impunes. O mau-caráter, dá lugar à corrupção, acompanhado do suborno, resultando em injustiças e impunidades. Nesse quadro sujo, o crime e a violência ganham livre caminho, formando um círculo no qual a liberdade do cidadão de bem é tolhida e o bandido tem livre acesso...

A questão é séria e tem agravantes. Será que os pais de famílias, onde quer que morem, têm separado algum tempo para pensar nessa problemática? Como será o futuro dos seus filhos e netos?...

Muitos, neste mundo conturbado, estão à procura de um lugar com melhor qualidade de vida, e em Cocalinho, isso ainda é possível de ser encontrado, e com muitas vantagens...

SUPERMERCADO
SANTO TIAGO

DE PROPRIEDADE
DO SR. RUIBER
EIRAS MARQUES

AV. ARAGUAIA S/Nº CENTRO,
COCALINHO - MT.

Escritório de Contabilidade
LUIZ MEOTTI

Av. Araguaia nº 661, Centro - Tel.: (65) 586-1171
CEP 78680-000 - COCALINHO - MATO GROSSO
CPF 057.503.180-87 RG 266.885 / SSP-MT

SUPERMERCADO
SANTIAGO

AV. ARAGUAIA, S/Nº, CENTRO,
COCALINHO-MT

DE PROPRIEDADE
DO SR. RUINER
FARIAS MARQUES

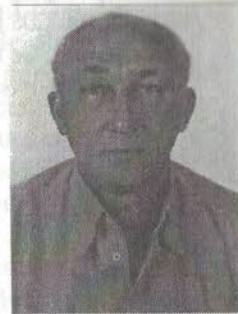
IX

Biografias dos pioneiros
e outros que, de alguma forma,
contribuíram para o
desenvolvimento de Cocalinho

Nicanor Freires dos Santos

Natural de Minaçu-GO.

Data de nascimento: 02 de agosto de 1946.



Terceiro filho de João Freire dos Santos e Joana Alves Martins. Casado com Maria Caiado Freires, com quem tem sete filhos, sendo cinco homens e duas mulheres.

Veio para o Mato Grosso aos cinco anos de idade, em companhia dos pais. A família chegou ao município em 12 de dezembro de 1951, indo trabalhar na zona rural, onde permaneceu até aos 28 anos de idade.

Na década de 60, veio para a cidade, para seus filhos poderem estudar. Na ocasião, abriu um comércio de secos e molhados, permanecendo neste ramo até 1981, quando mudou para o ramo de farmácia, na qual prestava socorro à população, em especial, nos casos de doenças mais comuns na região, como a malária, dentre outras. Não havia médico no patrimônio. Os casos mais graves tinham que ser transferidos para Barra do Garças, distante de Cocalinho 270 quilômetros.

Em 1986, lançou-se candidato a prefeito. Vencedor do pleito, permaneceu no cargo por dois anos (biênio 1987-1989). Afastou-se da vida política por 13 anos, retornando em 2000. Reeleito prefeito, assumiu o executivo municipal para o período 2001-2004.

Aqui ele deixa sua mensagem:

“Considero que a vida pode tornar-se mais fácil, quando vivida com simplicidade e tudo feito com transparência”.

Domingos Barbosa dos Santos

Natural de Cocalinho-MT

Data de nascimento: 14 de abril de 1929.

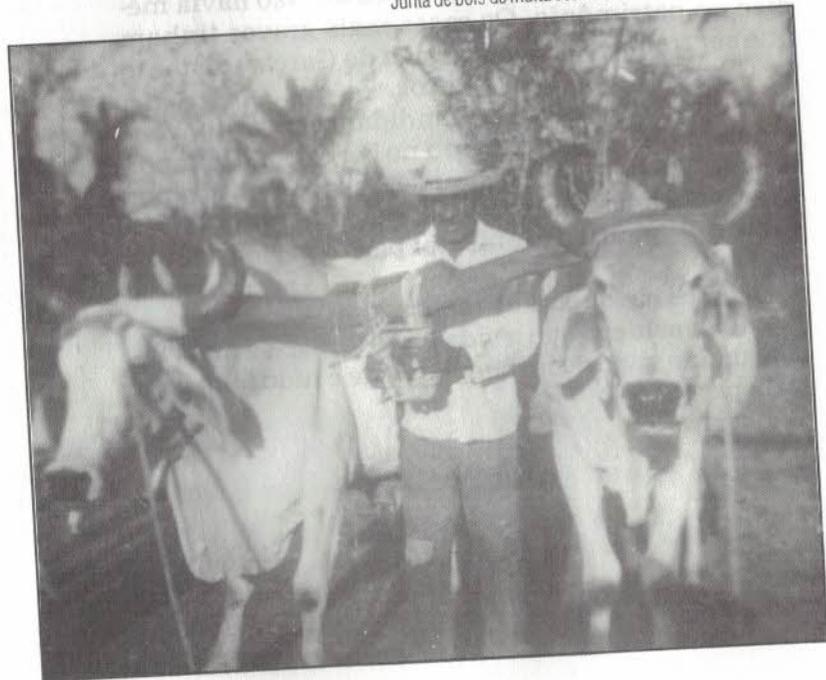


Filho de Tiago Barbosa dos Santos e Isabel Ferreira dos Santos. Casado pela primeira vez com Sabina dos Santos, com quem teve nove filhos, Deuzelina, Joselina, Jacy, Neuzelina, Jovino, Leandro, Jocélia, Josilene e Rosilda. Ficou viúvo em 1984, e em 1998 casou-se com Neuza Vieira dos Santos.

Em entrevista, no dia 14 de abril de 2001, salientou ter nitidamente guardado na lembrança os duros dias em que enfrentou com unhas e dentes as azáfamas no sertão.

No ano de 1951, recém-casado com dona

Junta de bois de muita estima chamado sertão e amorim



Sabina, foi morar em um sítio chamado Lobo, localizado à beira do Rio Cristalino, onde nasceu Deuzelina, a primeira filha do casal. Por ser muito incomodado pelos índios, resolveu vender o sítio para Paulo de Castro, indo então morar na fazenda Xavante, onde permaneceu por oito anos. Segundo ele, ali também vivera dias árduos, pois, novamente os índios tiravam-lhe o sossego. Em 1969, mudou-se para a Fazenda Dumbá, permanecendo por cinco anos, e, em 1977, mudou-se, definitivamente, para o patrimônio de São José do Cocalinho. Na época, foi nomeado sub-prefeito (1973/1976). Em sua gestão, com a ajuda dos moradores, construiu a primeira ponte sobre o Rio Salobo, e também, tomou providências para que viesse a primeira balsa fazer a travessia Mato Grosso-Goiás, através do Rio Araguaia, nas imediações de Cocalinho. Contou para isso com a colaboração do casal Waltinho Cunha e Cotinha, proprietários da fazenda Água Limpa. Recordou-se, até com uma certa saudade, daqueles idos dias, quando o sr. Waltinho e a esposa foram, pela primeira vez, conhecer a fazenda. Ele foi acompanhando-os, transportados por uma carrocinha puxada por um burrinho de nome Smit, por uma estrada acidentada. A viagem era tão longa, que perderam a noção do tempo, parecendo que nunca iam chegar ao destino desejado.

Enquanto esteve no cargo de sub-prefeito, foi aberta a estrada ligando Cocalinho a Goiás, usando o trator do sr. Waltinho Cunha, e contando com o apoio de Laércio Lemes, Afonso Lemes e Lizete Lemes.

Otacílio da Silva Nonato

Natural de Cocalinho-MT

Data de nascimento: 24 de julho de 1922.

Filho de Abel José Nonato e Maria Dalva Nonato. Viúvo, pai de 13 filhos. Exercendo a profissão de lavrador, nos idos dias, prestara serviço em uma colônia lo-

calizada nas proximidades do Rio das Mortes, onde permaneceriam os participantes de expedições com a finalidade de contactarem os índios, que, na época, tinham um comportamento muito hostil. Com o passar do tempo, após muitas mortes, tanto de homens brancos quanto de índios, é que foram permitindo aproximação dos brancos, aceitando presentes, como panelas, facão, roupas e alimentos.

Em suas palavras: "Entendo que os índios só queriam defender seus espaços. No passado, aconteceram muitos conflitos entre civilizados e índios que me causava assombros... Hoje acho mais assombroso a violência, que a todo momento cresce no mundo, essa guerra sangrenta, onde um civilizado mata o outro por nada..."

Lindolfo Ferreira dos Santos.

Natural do Maranhão.

Data de nascimento: 22 de abril de 1920.

Casado com Rita Dias dos Santos, com quem teve 11 filhos.

Quando chegara a Cocalinho, tudo era mato, só existiam quatro ranchos de palha de coqueiro, à beira do rio. Nesse local, que era só um *trieiro*, iniciou a abertura de uma rua, que hoje recebe o nome de Rua Joaquim de Almeida.

Segundo suas palavras:

"Não sei se é impressão minha, mas acho que o povo de hoje está perdendo aquele jeito especial de sonhar, andam sempre apressados, mas falta a capacidade de persistirem na luta para alcançar os bons objetivos. O amor está se perdendo, enquanto se prendem com as pequenas coisas as grandes são entregues de graça, por exemplo: a alegria de viver, a felicidade, a paz e até a própria vida..."

Joaquina Martins Ferreira
dona Pequena

Natural de Cocalinho - MT

Data de nascimento: 17 de janeiro de 1923.

Filha de Joaquim Martins de Almeida e Eva Rodrigues de Almeida, maranhense de Grajaú. Foi casada com Francisco Ferreira Martins, já falecido.

Durante muitos anos, foi escrivã no Cartório de Registro Civil de Cocalinho. Seu esposo Francisco Ferreira, também desempenhou importante papel na sociedade cocalinense, onde foi Juiz de Paz e sub-prefeito por oito anos.

Dona Pequena complementa: "que bons tempos aqueles, onde o respeito e a alegria faziam-se mais presentes. As diversões eram sadias, as drogas não tinham o domínio... Não podia usufruir-se de tanto progresso, mas em compensação, a qualidade de vida era de primeira. A natureza com sua rusticidade era ao mesmo tempo aprazível, os pássaros em grande festejo, alegrando as manhãs..."



Izidório Ribeiro Costa

Natural de Peixoto-TO.

Data de nascimento: 20 de outubro de 1922.

Casado com Alzira Teixeira Navas. Chegou em Cocalinho por volta de 1942. Na época só existiam alguns ranchos de palha. Tudo era muito difícil, os índios Xavantes eram hostis e atacavam as pessoas, havendo muito derramamento de sangue. Esse fato despertava nele o desejo de ver mudar a situação, mas de forma que ficasse bom, tanto para o branco quanto para o índio. Então, apesar de ter vindo para o lugar trabalhar em fazenda, durante dois anos prestou serviços na expedição do São Domingos.

Conta que ali viu a situação ficar feia por várias vezes. Sempre conseguiu sair ileso, atribuindo isso às suas orações e grande fé...

Considera que o homem sem fé em Deus, não é nada.

Dionízio José Luiz

Data de nascimento: 26/07/1962.

Casado com Sirlene Maria Machado Alves, tem dois filhos, Daniela e Dionízio Jr.

Em 1989, chegou a Cocalinho com sua família à procura de trabalho. Inicialmente, trabalhou na prefeitura; depois, montou uma pequena mercearia de 24 m². Lutando contra muitas dificuldades, com o passar do tempo, ampliou o seu comércio. Hoje, dando graças à Deus, e contando também, com a colaboração da população de Cocalinho, o seu estabelecimento ocupa uma área de 250 m².

Acreditando no futuro de Cocalinho, alimenta novas expectativas para maiores ampliações do seu comércio, disposto a contribuir para o melhor desenvolvimento do lugar.

MERCEARIA SÃO LUIZ

Servindo Bem Pra Servir Sempre

Fone: (62) 586-1207

Rua Deputado Sebastião Alves Júnior, 440 - Cocalinho - MT

Hedwig Pfof

Natural de Cananéia-SP.

Data de nascimento: 12 de abril de 1935.

Casada com Gustav Michael Pfof, tem três filhas.

Em 1958 o casal veio conhecer essa região mato-grossense, a fim de comprar uma fazenda. Como transporte usaram um Jeep ano 48, importado e reformado. A viagem fora longa e cheia de obstáculos. Até Aruanã, até que vieram bem, mas daí pra frente tudo dependeu da sorte, já que as estradas eram somente *trieiros*, com inúmeros buracos e muita lama. Em muitos lugares, passaram horas fazendo manobras para a travessia no lamaçal.

Porém, essa primeira viagem, fora só para conhecer a região. Então em 1965, vieram de mudança. Em seus relatos, ela faz menção à enchente de 1966. Conta que possuíam uma cadela de estimação, e certo dia, percebeu que ela estava inquieta, fora do comum, latindo sem parar. Imaginou que fosse gente rodando a casa, algum perigo. Assim que saíram para ver o que ocorria, viram as águas do Araguaia invadindo e levando tudo o que houvesse pela frente. As pessoas retiravam tudo o que era possível. O casal, que tinha trazido um trator de São Paulo, foi prestando socorro aos outros, que o Rio Araguaia queria levar. O trator foi de grande utilidade naquele momento de desespero para todos.

Para Hedwig Pfof: "naquele tempo, tínhamos que enfrentar muitas dificuldades, mas o mundo não vivia esse transe de desespero dos dias atuais. Pergunto-me, será que é a idéia de competir sempre, onde cada um só pensa em si próprio? E também, a vaidade em conjunto com outros fatores não bem conduzidos, podem ser responsáveis pelo desencadeamento dessa crise de desamor e desarmonia?"



José Juvêncio da Silva e Júlia Maria da Silva

O casal veio para Cocalinho em 1985, na época enfrentando todo tipo de dificuldades. Iniciaram um comércio, o qual foi se desenvolvendo com a cidade. Com o passar do tempo, decidiram dedicar-se ao ramo agropecuário e passaram o comércio aos filhos, Wiltom da Silva, Lucilaine da Silva e Divina A. da Silva Fernandes (Neguinha), os quais continuam até hoje no mesmo ramo.

Dona Júlia, missionária por vocação, ao mudar-se para Cocalinho, e vendo que não existia a denominação evangélica a qual se integrava, empenhou-se em evangelizar a comunidade. Graças a isso em Cocalinho hoje, existe a Igreja Congregação Cristã do Brasil. Com alegria, ela foi vendo os frutos de seus esforços. Muitos converteram-se, tornando-se também colaboradores na obra, que atualmente conta com aproximadamente oitenta membros dentro do município.

Considerando-se vencedora expressa o seguinte pensamento: "Eu e minha família temos alegria em viver nessa comunidade tão acolhedora, com o

privilégio de podermos desfrutar da boa qualidade de vida que o município oferece".

Luiz Alves Pereira

Natural de Pinhum/GO (zona de garimpos).

Data de nascimento: 25 de agosto de 1945.

Relembrando os velhos tempos, fez o seguinte depoimento:

Chegara em Cocalinho, quando em volta da pequena vila, havia somente matas, habitadas por índios bravios. Como transporte, utilizavam somente barcos e levava-se seis dias de viagem até Barra do Garças. As estradas eram quase só *trieiro*, pelos quais andava-se com tropas e carros de bois. Os meios de subsistência eram provenientes das roças de toco, dos quais se colhia tudo. Terras havia em abundância. Todo pobre, se quisesse, podia ter seu pedaço de terra, mas esse tempo logo acabou, com a chegada do requerimento das terras (legalização). Foram formando-se as grandes fazendas. Muitos dos moradores do lugar, em especial as mulheres e crianças, dedicavam-se à quebração de coco e vendiam suas produções para a tão esperada caravana, que passava uma vez por ano. Os índios ainda perturbavam, destruíam as roças, e atacavam as criações, mas com o passar do tempo, foram mudando de estilo, graças aos catequisadores, línguas (índios já civilizados) e padres.

Quanto à educação, lembra que, em 1950, foi construído um grupo escolar, pelo poder público de Barra do Garças, e que o mesmo foi demolido na década de 80. Atribuiu a demolição à enchente e a falsos idealistas que não valorizavam a conservação do patrimônio público.

Cita que o coronel Jerônimo Gomes, que morava em Araguaiana, era quem impunha a lei no município. O primeiro delegado foi o Rok, seguido por Timóteo; depois vieram outros.

Segundo suas palavras, “apesar de todas as dificuldades, sinto saudades daqueles bons tempos. Vivia-se com mais simplicidade e economia, sem tanto consumismo e a correria de hoje, onde a alegria fazia-se mais presente”.

Disnei Cézar da Silva Ribeiro

Natural de Novo Brasil-GO.

Data de nascimento: 29 de março de 1967.

Casado com Marinei Fernandes R. Ribeiro. Veio para Cocalinho em 1989, a fim de trabalhar no Banco do Estado de Mato-Grosso. Hoje, exerce atividade no ramo de comércio, e está empenhado em um plano de mudança, para melhor.



Domingos Marxy

Natural: Formoso do Araguaia-TO.

Data de nascimento: 2 de fevereiro de 1923.

Casado com Tereza Dirarrau.

“Sinto saudades do tempo que vivia na tribo, só não gostava da guerra... Hoje, feliz de meu jeito em meio ao povo branco. A gente vive como fora de pátria, vai levando a vida”.



Armelindo de Deus Corrêa

Natural de São Paulo-SP.

Data de nascimento: 27 de junho de 1963.

Casado com Leonice Pereira Corrêa, tem dois filhos e formado em educação física pela FEFAR, em 1988. Chegou para a região em 1989. Foi professor até 1992, e de 1993 a 1995, foi diretor da Escola Estadual Getúlio Vargas. Posteriormente, retornou à sala de aulas, permanecendo até 1999.

Atualmente ocupa o cargo de Secretário da Educação.



Joaquim Neto de Almeida
Morador de Cocalinho - MT

Aos 20 anos de idade, sofreu um acidente envolvendo a balsa que faz a travessia do Rio Araguaia, via Mato-Grosso-Goiás, nas imediações de Cocalinho. O fato ocorreu em 1983, quando vinha de Goiânia pegando carona com Wilson do posto. Conforme afirmação da vítima, a balsa estava lotada de carros. Os ocupantes do veículo desceram como de costume, ficando todos em pé no pavimento da balsa. Uma menina de dez anos resolvera pular antes que a embarcação atracasse no porto. Como ela não conseguiu alcançar o barranco, caiu na água. Diante dessa circunstância, Joaquim tentou salvá-la, no que quase perdeu a vida, pois ficou com a perna prensada pela balsa contra o barranco, custando-lhe a amputação do membro inferior direito. Do responsável pela balsa, não recebeu nenhuma assistência e nem indenização, ficando o mesmo foragido por algum tempo. Hoje vive na região. Joaquim vive em Cocalinho, deficiente, seus sonhos e objetivos foram interrompidos...

Aqui deixa seu desabafo:

"... Balsa não tem freios, só é possível parar quando bate no barranco... uma realidade difícil de aceitar, muitos nesse nosso país, só pensam no jeito de ganhar dinheiro, para esses, a segurança das pessoas não tem nenhuma importância... Quando será que isso vai mudar?..."

José Abadio Leite
Natural de Porangatu-GO.

Chegou para Cocalinho em 2 de outubro de 1941, aos 17 anos de idade, juntamente com mais oito famílias, tocando tropa com cargueiros e tangendo cerca de quatrocentas reses por *trieiros* de antas e outros bichos, que na época existiam em abundância. Todos os componentes do grupo, per-

seguiam um objetivo, conforme a profecia de padre Cícero Romão, "nos fins dos tempos, procurai os matos verdes".

Então, nesse itinerário enfrentava todos os tipos de obstáculos; atravessando rios grandes ou pequenos a nado, seguindo rumo a lugares desconhecidos, até que aportaram em Cocalinho. Aqui ele ficou sentindo-se feliz, não pretendendo jamais mudar-se.

Considera que "o mundo parece estar virando do avesso, e aqui a gente ainda pode apreciar a natureza e viver em paz. Quanto ao resto, está tudo muito bom, acredito na administração de Nicanor, homem simples e justo."

Luiz Henrique Amaral

Natural de Anicuns-GO.

Data de nascimento: 6 de março de 1971.

Casado com Ana Flávia Miranda. Veio para a cidade de Cocalinho há nove anos, para ser mecânico da prefeitura, onde trabalhou por quatro anos. Vendo que tinha possibilidades de construir uma oficina mecânica para prestar serviços ao município, foi adiante com a idéia. Hoje, sua oficina conta com 31 funcionários que prestam um bom atendimento a todo município. Por ser ele um cientista autônomo, é reconhecido nacionalmente, também pelos eventos automobilísticos que realiza por todo país. Nesses ensejos, por onde quer que vá, leva o nome de Cocalinho.

Ingressou na política, atendendo ao convite da liderança do partido PPB e amigos mais próximos. Vereador eleito para o período 2001-2004, é o presidente da Câmara.

Em 1999, quando na fundação do Rotary Club de Cocalinho, do distrito 4.440, fora convidado a participar da reunião inicial, posteriormente esco-



lhido presidente do clube, com posse em julho de 2000.

No ano de 1996, foi vice-campeão brasileiro de *indoors*, na cidade de Campinas/SP. Participa de várias outras competições de gênero, arrebatando 26 troféus, sendo o quinto lugar, sua classificação mais distante.

“Cocalinho possui praias maravilhosas, onde se reúnem pessoas de todo o país, quem estiver a fim de conciliar ecologia e diversão em meio a muita paz, aqui é o lugar. Vem!”

Manoel Antônio Teles

Natural de Piracanjuba - GO.

Data de nascimento: 11 de outubro de 1955



Filho de Afonso Batista Pinto e Iolanda Peixoto Teles. Casado com Fátima Teles. Tem dois filhos, Stella Castro Teles e Manoel Castro Teles.

Veio para Cocalinho em 1968, juntamente com a família, na profissão de agropecuarista. Gostou da região e comprou fazenda.

Em 1995, ingressou na política. Disputou uma cadeira no legislativo, sendo o vereador mais votado. Na época, foi eleito presidente da Câmara, em acontecimento inédito, pois, fora escolhido com o apoio de todos os companheiros de legislatura. Considera que uma das coisas mais importantes que realizou, como presidente da Câmara, juntamente com os colegas vereadores, foi a implantação do transporte escolar e a concessão da balsa que faz a travessia Cocalinho-Goiás.

Não concorreu às eleições de 2000, mas levan-

do em conta o seu dom político, com certeza, concorrerá à cadeira do executivo em 2004.

Aqui deixa sua mensagem: “O mundo enfrenta momentos conturbados, mas com virtude, firmeza nos objetivos, conciliação e otimismo poderemos fazer um mundo melhor... Cocalinho é especial para se viver, principalmente no que se refere à qualidade de vida”.

Luiz Meotte

Natural de Tenente Portela-RS.

Data de nascimento: 25 de maio de 1942.

Casado com Maria de Fátima Meotte, tem três filhos. Exerce a profissão de contador. Chegou para Cocalinho, em meados de 1983, na época, ainda pertencente ao município de Barra do Garças.

Segundo suas palavras, “cheguei, fui gostando, criando raiz aqui estou até hoje e pretendo ficar, pois não tem lugar melhor pra se viver.”

Lauro Rosa da Silva

casado com Francisca da Silva.

Chegou a Cocalinho em 1929, em companhia da mãe. Eram agricultores e foram morar num lugar chamado Corixó do Biliga, distante oito quilômetros de Cocalinho, lá cresceu e casou-se. Veio depois, morar na travessia do Riuno, ali criou a família. Teve três filhos e faleceu em 1989.

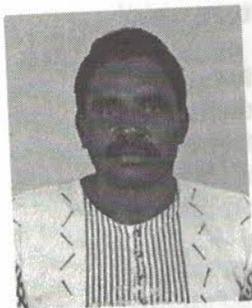
Relatos feitos por sua filha Maria Rosa da Costa, natural de Cocalinho, nascida em 05/10/1938.

Evanildo Francisco Lara

Natural de Rondonópolis-MT

Nasceu em 1954

É topógrafo e compositor, tem três filhos.



Veio para Cocalinho com a família em 1985, mas desde 1979 presta serviços topográficos no município. Apaixonado pela música e pelos esportes, sempre incentiva novos talentos. Patrocinou a dupla sertaneja Emilsom e Edimilson a gravar o seu primeiro CD. No esporte, criou o Raquetebol Matogrossense e o *Foot Hand*.

Utilizando-se de seu dom de poeta, escreveu este hino em homenagem ao município de Cocalinho.

HINO AO MUNICÍPIO DE COCALINHO MT

Compositor: Evanildo Lara
(não oficial)

I

Nas margens do Rio Araguaia
O povo lutando por seus ideais,
Surgiu um nome na história,
Cocalinho proclama sua glória

II

Cidade do vale do Araguaia
Descoberta pelos navegantes,
Que aos poucos se expande,
Para mais tarde se tornar gigante.

Refrão

Salve, salve,
Salve Cocalinho,
Salve, salve o seu povo varonil.
Salve, salve,
Salve Cocalinho,
Cidade turística do Brasil.

III

Com suas lindas praias,
Se encantam os turistas.
As suas verdes matas,
Engrandecem a nossa ecologia,
E os seus belos rios,
Preenchem a nossa poesia.

Refrão

Salve, salve,
Salve Cocalinho,
Salve, salve o seu povo varonil.
Salve, salve,
Salve Cocalinho,
Cidade turística do Brasil.

IV

O progresso, orgulho desta terra,
No campo, na cidade se faz.
Cocalinho, viverás sem guerra,
Com amor, liberdade e paz.

Refrão

Salve, salve,
Salve Cocalinho,
Salve, salve o seu povo varonil.
Salve, salve,
Salve Cocalinho,
Cidade turística do Brasil.

Sandoval Fialho Filho

Natural de Montes Claros/MG.

Data de nascimento: 18 de março de 1954.

Casado com Deusuita Cardoso Brito, tem quatro filhos. É professor, e chegou à região em 1983. Conserva o ideal para maior desenvolvimento de Cocalinho, que ama de paixão, tanto que fez um hino em homenagem ao lugar.



HINO DO MUNICÍPIO DE COCALINHO

(Não oficial)

Autoria: letra e música, Sandoval Fialho Filho

Quanta riqueza
Quanta beleza
Existem por aqui
Toda a esperança
Toda a sua luta
Brilho em Cocalinho

Viva Cocalinho
Cidade do futuro
Viva Cocalinho
Amor com muito orgulho
Lindos verdes campos
Rios navegantes
Pureza de um povo feliz
Linda garça branca
Cortando o céu azul
Estradas de norte a sul

Viva Cocalinho
Carinho da nossa gente
Viva Cocalinho
Aqui tudo é bem diferente

Alvino Cardoso de Melo

Data de nascimento: 31 de julho de 1965.

É técnico agropecuário. Assumiu no dia 1º de janeiro de 2001 a Secretaria de Agricultura municipal de Cocalinho.

Éder Pereira de Carvalho

Natural de Goiânia/GO.

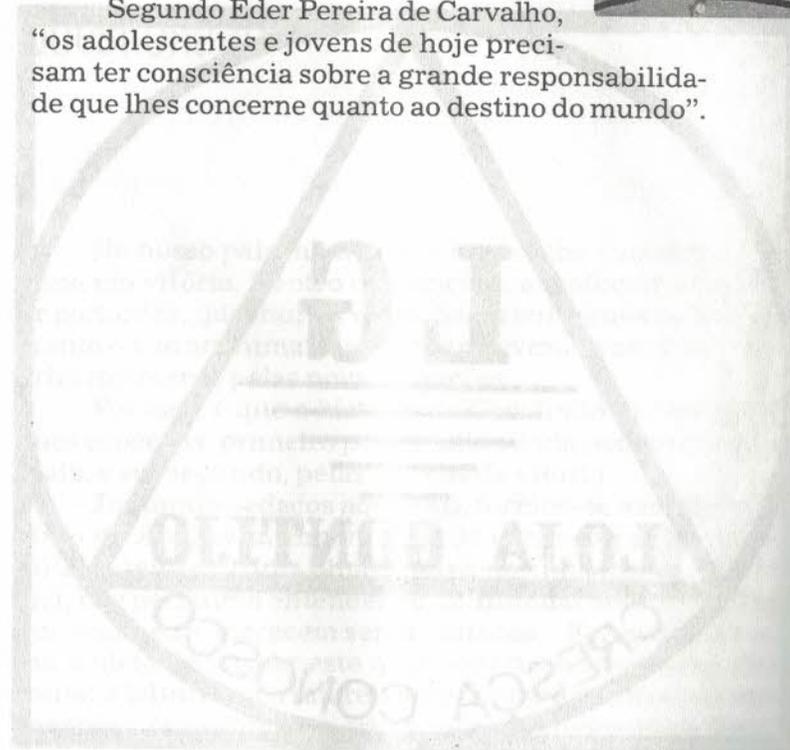
Data de nascimento: 30 de março de 1971.

Filho de Benedito Batista e Divina Pereira. Em

1986, mudou-se para Cocalinho. Desde então, adotou-a como sua cidade-mãe, tanto é que resolveu fazer uma resenha sobre a história passada e presente de Cocalinho, com a pretensão de transformar em livro, no entanto, houve uma mudança em seus planos, e, com grande satisfação concedeu seu trabalho como material bibliográfico para este livro.



Segundo Éder Pereira de Carvalho, “os adolescentes e jovens de hoje precisam ter consciência sobre a grande responsabilidade que lhes concerne quanto ao destino do mundo”.





AV. ARAGUAIA, CENTRO - COCALINHO - MATO GROSSO

Questionário

No nosso país, nem tudo é maravilha e nem tudo termina em vitória. Dentro dos rincões, acontecem episódios importantes, que muitas vezes ficam entregues ao esquecimento ou ao anonimato, enquanto deveriam ser lembrados principalmente pelas novas gerações.

Por isso, é que a história de Cocalinho merece destaques especiais, primeiro por ter sido vivida por personagens reais, e em segundo, pelas marcas da vitória.

Juntando pedaços aqui e ali, formou-se este livro *Fascínio do Araguaia*. Em virtude do corre-corre da vida, da falta de tempo... Uma rápida olhadela, uma leitura superficial, não permitem entender ou aprofundar-se nos detalhes, que realmente merecem serem notados... Foi então que surgiu a idéia de formar este questionário, que pode ajudar a tornar a leitura mais interessante. Em seu decorrer as interrogações, curiosamente, vão surgindo, sugerindo o desafio das respostas.

Não se pode negar é que a boa leitura, sempre enriquece nossos conhecimentos, portanto, procure, também, por meio dela conhecer melhor o nosso país, nosso estado e nosso município.

AS QUESTÕES DE 1 A 9 REFEREM-SE AO CAPÍTULO I

1. Ao seu modo de ver, por que os seres humanos menos abastados sempre foram tidos como um subproduto capitalista?
2. Diz-se que certas classes de pessoas, deixaram tudo e saíram dispostas a enfrentarem o mundo. O que buscavam?
3. Os desbravadores alcançaram um espaço físico que já era ocupado há centenas de anos. Quem habitava essas terras? Como era o ecossistema? O que aconteceu com o ecossistema ao chegarem os civilizados?
4. Como se orientavam os desbravadores naqueles tempos?
5. Mesmo sem saberem, os desbravadores foram coadjuvantes na escrita da história do país. Quais foram os pontos negativos?
6. Em que ano ocorreram as primeiras ocupações na vasta região cocalinense?
7. Os primeiros ocupantes vieram por qual rio? Qual o tipo de embarcação que utilizaram?
8. Quando os primeiros moradores imaginaram terem encontrado o paraíso, quem foi que apareceu?
9. Usando de toda a sua verve, responda porque os índios como ninguém sabiam guardar uma mágoa com desejo de vingança.

AS QUESTÕES 10 A 22 RELACIONAM-SE AO CAPÍTULO II

10. Em que ano os novos bandeirantes chegaram à Cuiabá?

11. Por onde se estendia o território ocupado inicialmente pelos indígenas?
12. Segundo as estatísticas, quantas etnias foram extintas? E em qual época?
13. De acordo com o texto, o Serviço de Proteção ao Índio (SPI):
 - a) zelou realmente pela causa indígena;
 - b) cumpriram com o objetivo para o qual o órgão foi criado;
 - c) funcionários corruptos, sem escrúpulos marcaram a história com genocídios.
14. Qual foi o bandeirante que aportou em Cocalinho e deixou seu nome numa placa? Tornou-se topônimo de:
 - a) uma cidade;
 - b) uma casa comercial;
 - c) uma vila;
 - d) uma avenida.
15. Em que data foi intitulado oficialmente o patrimônio:
 - a) 3 de outubro de 1950;
 - b) 9 de março de 1938;
 - c) 1º de julho de 1928;
 - d) 1º de agosto de 1928.
16. Que topônimo antecedeu ao nome de Cocalinho, e por que foi escolhido o nome Cocalinho?
17. Quem foram os autores da morte dos padres:
 - a) os moradores;
 - b) os bandeirantes;
 - c) os índios;
 - d) os familiares dos bandeirantes.
18. Quem foi o funcionário do SPI morto pelos índios.

- a) Amaral Amurim
 - b) Pimentel Barbosa
 - c) Túlio Portela
 - d) Willi Aureli
19. Qual era o papel dos *línguas*?
20. Porque foi mudado o nome de um rio, para Rio das Mortes? Qual era o primeiro nome?
- a) Rio Sono;
 - b) Rio Manso;
 - c) Rio Madeira.
21. A mando de quem veio de São Paulo uma expedição para vingar a morte dos padres?
- a) de um importante empresário paulista;
 - b) da irmã de um dos padres morto;
 - c) dos bandeirantes;
 - d) de um político paulista.
22. O que aconteceu com o grupo de vingadores paulistas?
- De acordo com o capítulo VI.
23. Quem disse a frase: "Tenho saudades dos velhos tempos".
- a) Dona Marieta Alencar;
 - b) Dona Joaquina Martins;
 - c) Dona Maria Caiado.
24. Quem foi o primeiro prefeito de Cocalinho, e quando foi o seu período de mandato?
25. Quais são os principais pontos turísticos do município de Cocalinho?
26. Qual foi a novela da Rede Globo gravada na região de Cocalinho?

27. A fazenda Saudade pertence à
28. Por que o município de Cocalinho é considerado um paraíso ecológico?

DE ACORDO COM CAPÍTULO V

29. Na década de 40 o que chegou a Cocalinho, causando impacto entre os moradores?
30. As grandes fazendas da região surgiram:
- a) união de pequenas propriedades;
 - b) titulação de grandes áreas;
 - c) grilagem;
 - d) posses.
31. No capítulo IX, encontram-se as biografias. Marque com um X, nas alternativas, sim ou não, e responda porque escolheu tal alternativa. Você acha importante incluir na história dos municípios as biografias dos pioneiros?

Sim ()

Não ()

Por quê?

32. Faça uma síntese deste livro e dê sua opinião pessoal a respeito.

Fontes documentadas e bibliográficas

Arquivo público de Mato-Grosso - Cuiabá.

Arquivo da Secretaria de Educação de Cultura de Cocalinho.

Arquivo público da prefeitura de Cocalinho.

Jornal "Alvorada" – Publicação da Prelazia de São Félix do Araguaia.

Mato-Grosso e seus municípios.

CARVALHO, Éder Pereira de. *Histórico de Cocalinho, uma Dádiva do Araguaia.*

Documentos orais: depoimentos e entrevistas com comerciantes, proprietários de terras e vários pioneiros.

